

Nordeste Criança

OLHARES DAS INFÂNCIAS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C755 Conselho Federal de Psicologia.
Nordeste criança : olhares das infâncias [recurso eletrônico] / Conselho Federal de Psicologia e Frente Nordeste Criança. — Brasília : Conselho Federal de Psicologia : Frente Nordeste Criança, 2021.
Dados eletrônicos (pdf).

Pdf interativo.
ISBN 978-65-89369-03-5

1. Psicologia e arte. 2. Psicologia Cognitiva.
3. Psicologia comportamental. 4. Representação (psicanálise). 4. Desenhos infantis - Aspectos psicológicos. I. Frente Nordeste Criança. II. Título.

CDD 155.413

Próxima
página

Conselho Federal de Psicologia (CFP)

XVIII Plenário | Gestão 2019-2022

Conselheiras(os)

Ana Sandra Fernandes Arcoverde Nóbrega
Presidente

Anna Carolina Lo Bianco Clementino
Vice-presidente

Izabel Augusta Hazin Pires
Secretária

Norma Celiane Cosmo
Tesoureira

Robenilson Moura Barreto
Secretário Região Norte

Adinete Souza da Costa Mezzalira
Suplente Região Norte

Alessandra Santos de Almeida
Secretária Região Nordeste

Maria de Jesus Moura
Suplente Região Nordeste

Marisa Helena Alves
Secretária Região Centro Oeste

Tahina Khan Lima Vianey
Suplente Região Centro Oeste

Dalcira Pereira Ferrão
Secretária Região Sudeste

Célia Zenaide da Silva
Suplente Região Sudeste

Neuza Maria de Fátima Guareschi
Secretária Região Sul

Marina De Pol Poniwas
Suplente Região Sul

Antonio Virgílio Bittencourt Bastos
Conselheiro 1

Ana Paula Soares da Silva
Conselheira Suplente 1

Maria Juracy Filgueiras Toneli
Conselheiro 2

Isabela Saraiva de Queiroz
Conselheira Suplente 2

Katya Luciane de Oliveira
Suplente

Losiley Alves Pinheiro
Suplente

Rodrigo Acioli Moura
Suplente

Conselho Consultivo da Frente Nordeste Criança - Círculo Temático Violência e Direitos Humanos - Subgrupo 8 - Políticas Públicas

Ana Azevedo

Ana Maria A. Mello

Cleriston I. dos Anjos

Elis Regina A.Nunes

Fabiana Oliveira Canavieira

Izabel Hazin

Juliana Santana

Katia Patricia B. Campos

Maria de Jesus A. Ribeiro

Rayfii Gumerindo P. Souza

Sebastiana Nunes

Viviane F. Faria

Curadoria

Ana Maria A. Mello

Izabel Hazin

Colaboraram com a mediação entre as crianças e suas famílias para a coleta dos desenhos:

Alagoas (AL)

Thais Mayara da Silva Braga

Professora, coordenadora pedagógica do CMEI

Monsenor Luis Barbosa - Rede Municipal de Maceió

Selma Facundo Nunes Amorin

Professora, vice-diretora do CMEI Presidente Francisco

de Paula Rodrigues Alves - Rede Municipal de Maceió

Claudia Rafaela Ferreira dos Santos

Orientadora Social do Centro de Referência e

Assistência Social - Campo Grande (AL)

Erika Patricia Gama Araujo

Coordenadora do CMEI Profa Maria

de Lourdes Vieira, Maceió (AL)

Bahia (BA)

Erika Moura

Alexandre Junior de Souza Menezes, em colaboração

da mãe Alessandra Maria Costa Rodrigues

Jose Diego dos Santos

Psicólogo/educador e palhaço

Tatiana Sousa Vaz

Educadora do Projeto Axé

Tailde de Jesus Nascimento

Educadora do Projeto Axé

Ceará (CE)

Maria Ocília de Barros

Professora

Andreia Cavalcante dos Santos Silva

Professora

Fabiane Lopes da Silva

Professora e gestora do Centro de

El Francisco de Souza Braga

Andreia Cavalcante dos Santos Silva

Professora

Maranhão (MA)

Fabiana Oliveira Canavieira

Professora da UFMA

Russian Falcão Viana

Diretor do Shopping de Cidadania Infantil do Governo

do Estado do Maranhão / articulado às Secretarias

de Estado de Direitos Humanos e de Saúde

Paraíba (PB)

Kátia Patrício Benevides Campos

Professora da UFCG

Fernanda de Lourdes Almeida Leal

Professora da UFCG

Rayffi Gumerindo Pereira de Souza

Professor da UFCG

Wanessa Maciel Ferreira Lacerda

Professora da UFCG

Maria Betania Barbosa da Silva Lima

Professora da UFCG

Pernambuco (PE)

Jaqueline Costa

Educadora e Ativista Social

Rafaela Gomes

Educadora Social

Eduardo Xucuru

Educador

Mirela Farias

Núcleo de Neurologia e Primeira Infância.

Piauí (PI)

Marinalva Silva Carvalho

Supervisora Ensino Fundamental - Rede

Municipal - Centro Sul do Piauí

Viviane Fernandes Faria

Psicóloga

Rio Grande do Norte (RN)

Izabel Hazin

Professora da UFRN e Conselheira do

Conselho Federal de Psicologia (CFP)

Sergipe (SE)

Elis Regina Nunes Mota Araújo

Professora da UFSE

Ana Maria Lourenço de Azevedo

Professora da UFSE

Equipe Técnica do Conselho Federal de Psicologia (CFP)

Coordenação Geral

Miraci Mendes - *Coordenadora Geral*

Gerência de Relações Institucionais

Daniel Arruda Martins - *Gerente*

Fabiana Aparecida de Freitas Castros - *Assessora*

Matheus Navar Pimenta Melo - *técnico administrativo*

Gerência de Comunicação

Luana Spinillo - *Gerente*

Raphael de Oliveira Gomes - *Assessor*



SUMÁRIO

Olhares das infâncias: perspectivas além do óbvio	09
Basta abrir as janelas (dos olhos e) da minha casa	12
As Crianças e os Traços de um Mundo em Pandemia	20
As janelas da imaginação	27
Psicologia, Arte e Vida: o cotidiano como gestação do inédito	36
O quintal de minha casa...	45

Olhares das infâncias: perspectivas além do óbvio

No olhar de uma criança cabe o mundo.

Nele, encontramos a vida, a sua fragilidade e todo o futuro que inevitavelmente acontecerá. Reconhecemos também os traços da história que vivemos, a complexidade que embala nossa existência e a esperança de quem ainda não sabe o que está por vir, mas, ainda assim, espera ansiosamente que algo aconteça.

Encontramos inocência, medo, delicadeza, conflitos, astúcia, dúvidas, confiança, incredulidade, empatia, generosidade e fé.

É extremamente importante que cuidemos com muito amor de todas as infâncias e adolescências — no plural, pois são múltiplas — porque é desse cuidado que depende a construção de uma sociedade menos desigual, mais justa e fraterna, tal qual almejamos.

Temos no Brasil uma inovadora legislação que atesta a urgência protetiva.

“É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com *absoluta prioridade*, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”. Assim nos responsa-

biliza o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que em mais de três décadas jamais perdeu sua relevância.

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) possui em sua raiz a defesa intransigente do princípio da prioridade absoluta. É marcado, historicamente, pela defesa dos direitos de meninas e meninos, compreendendo que o fazer *psi* significa muito mais que a prática do cuidado em si mesma. Ocupando espaços colegiados de decisão, a autarquia insere-se entre os principais atores desta pauta, vislumbrando — a partir das políticas públicas — que todas e todos tenham a mesma proteção e as mesmas oportunidades. O Conselho também se dedicou, ao longo dos anos, a construir orientações que pudessem contribuir com a atuação da categoria em torno do tema.

É neste contexto, e imbuído desse duplo propósito de defesa intransigente dos direitos das infâncias e de orientação ao exercício profissional da Psicologia, que a presente publicação se insere.

Fruto de parceria com o Coletivo Frente Nordeste Criança, onde diversos diálogos com a participação do CFP foram promovidos, o catálogo, que agora chega até você, levanta uma relevante reflexão: de que forma a pandemia da covid-19 impacta os direitos sociais e a vida de crianças e adolescentes do Nordeste?

O que você encontrará nas páginas seguintes representa mais do que simples desenhos de crianças com idade entre quatro e doze anos. Ao reconhecer seu lugar de fala e protagonismo para que se expressassem, essas crianças nos mostram mais do que a vista de suas janelas. Elas nos confiam seus corações, seus segredos e angústias. Elas nos convidam, por meio de sua arte, a experienciar suas realidades, compreendendo que para além de seus quintais existe uma infinidade de crianças que, como elas próprias, ainda buscam neste cenário

atual alguma explicação para decifrar o mundo que se transformou de forma tão abrupta.

Ao aceitar o nosso convite, essas crianças transformaram folhas em branco em reflexões que devemos — sociedade em geral e, especialmente, psicólogas e psicólogos — incorporar em nossas práticas. Desejamos, portanto, que esta publicação auxilie profissionais da Psicologia em seu cotidiano, no cuidado mais qualificado que nossas infâncias merecem.

Além dos desenhos, o catálogo reúne textos de importantes especialistas na área, como Marina Assis Pinheiro, que aborda a interface entre a Arte e a Psicologia na construção do diálogo; Symone Fernandes de Melo, que destaca a importância do desenho da criança como expressão de si e do mundo; e Priscila Nascimento Marques, que discorre sobre infância e arte — sendo esta o veículo de exercício simbólico e emocional da criança. A publicação conta ainda com o relato de Ana Maria Mello, doutora em Psicologia/Educação, e Izabel Hazin, psicóloga, doutora em Psicologia Cognitiva e conselheira do CFP, sobre os processos que envolveram a elaboração do catálogo.

Por fim, quero — em nome do XVIII Plenário do Conselho Federal de Psicologia — agradecer imensamente a todas(os) as(os) envolvidas(os) na produção deste material, especialmente às crianças, suas famílias e colaboradoras(es) que fizeram esta ponte entre o CFP, o Coletivo Frente Nordeste Criança e nossa categoria profissional.

Ana Sandra Fernandes Arcoverde Nóbrega

Presidente do CFP

XVIII Plenário | Gestão 2019 - 2022



Basta abrir as janelas (dos olhos e) da minha casa...

Ana Maria Mello¹

Izabel Hazin²

A ideia de organizar esse Catálogo nasce, em diálogo continuado, da necessidade de dar voz e visibilidade à pluralidade das infâncias nordestinas, bem como refletir acerca das vulnerabilidades e modos de agir de muitos adultos frente a covid-19. Essas reflexões permearam vários e diferentes debates promovidos pelo Coletivo Frente Nordeste Criança (RIBEIRO; MELLO, 2020), onde o Conselho Federal de Psicologia (CFP) participa ativamente, resultando em várias ações que sabemos urgentes, sobre os direitos das crianças durante a pandemia da covid-19.

Nosso desejo aqui é contar a você leitor/a alguns traços desse processo.

Foi o Autry, menino de dez anos, que comentou enquanto desenhava: “Basta abrir as janelas da minha casa que vejo o mar!” Para quem vive na Comunidade Ribeirinha, em Barra dos Coqueiros (Sergipe), foi possível viver a experiência pandêmica junto ao mar — dias lindos, esperançosos, com possibilidades de *despir a idade, desobedecendo*

¹ MELLO, Ana Maria A. Doutora em psicologia/educação (USP), Pós-Doutorado Laboratoire EXPERICE, Université Sorbonne - Paris XIII.

² Izabel Hazin - Doutora em Psicologia Cognitiva (UFRGS), Pós-Doutorado Université René Descartes - Paris V.

o tempo como nos lembrou a colega Symone Melo, citando Mia Couto, aqui mesmo neste Catálogo (MELO, s.d.).

O menino tem razão, talvez baste abrir as janelas, e acrescentamos *as janelas dos olhos*, para ver o que tem ao lado, observar cada detalhe, olhar o próprio corpo, visitá-lo como nos ensinam muitas vezes os bebês. Olhar com o corpo todo, conforme preconizou Henri Wallon quando apresenta as características dos Jogos de Aquisição (WALLON, 1981), onde, segundo o pesquisador, a criança para e observa atentamente como se fosse “todos olhos e toda ouvidos”. Poder brincar, cantar, dançar e desenhar apesar da rapidez do tempo, daquele tempo que se espera quando se é criança.

Mas e quando não tem janela e nem mar, e quando ampliamos a cegueira para o lado das crianças e não abrimos os olhos para a importância dessa observação cuidadosa infantil? Afirma a psicóloga Marina Assis Pinheiro (PINHEIRO, s.d.) “que o tempo cotidiano é compasso do movimento vital de ser-com-os-outros”, lembra que nesse tempo cabe tanto a exigência do outro à obediência, às regras e à disciplina quanto à possibilidade de voar, de insurgir de se emancipar. Eis aqui uma boa contradição das relações humanas importantes de serem acompanhadas; particularmente àqueles adultos que se interessam, ainda, pelo tempo das crianças.

Aqui podemos (devemos!) ouvir e observar a menina de cinco anos, Laura, que vive em Itapipoca, no Ceará, também frequentando locais mais profundos brasileiros, e é ela que comenta:

A Fazenda Velha tem praias, e eu desenhei a fazenda velha porque tem muito mato e flores... Ta vendo eu deitada no meu colchão dentro de casa? (exclamações)

E prossegue comentando enquanto desenha sobre as





maravilhas do sertão:

“Lá no sertão tem muitos bichos: cabras, vaquinha, cavalos um monte! Não passa porco porque não tem lama! (risos às referências à subsistência de suíno).”

“Brinco muito com meus primos Júlia e Pedro, de pega-pega, esconde-esconde e muito mais!”

Observe, leitor, quantas imagens que a menina Laura tem desses tempos. Ouvindo o áudio constatamos humor, alegria, deboche... Tudo que se espera da infância saudável, mas conforme comentamos, em outros momentos ela expressa irritação e *agonia de não ver as pessoas*:

“Eu sinto muitas saudades da escola e de tudo, de tudo...

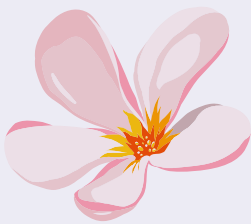
...antes do vírus eu via meus colegas, estudava, brincava de tudo! O vírus deixa a gente tão irritada, agoniada sem ver as pessoas...”

Através da natureza, da arte, talvez Laura e os adultos que convivem com ela possam reconhecer as contradições e se manter corajosos para enfrentar novas experiências criativas - *poder distrair o peru para que esse não corra atrás da gente e provoque medo, e sim risos*, conforme desejou em Maceió, o menino Miguel (4 anos).

Como a alagoana Lara, também de 5 anos, que desenhou um grande coração para ajudar as pessoas. A menina altruísta, que tem gato e quer ser médica, nos lembrou a D.^{ra} Nise da Silveira³ - Lara e Nise são conterrâneas que vieram à Terra em tempos distintos — Nise soube se aproximar da arte para resistir, para dialogar com os diferentes, Lara e todas as crianças que vivem essa pandemia poderão dialogar também com suas experiências

criativas sejam elas negativas e/ou positivas. Torcemos ainda pelo menino maranhense, de nove anos, Stephany, que teve seu pai internado para uma cirurgia durante a pandemia e comenta: “Eu tive medo que meu pai ficasse mais doente e não saísse do hospital...”

Nos impressionam ainda as experiências de Libina, com 10 anos, que vive em uma aldeia Indígena, em Baía da Traição (PB) e o garoto citadino, Israel, que tem 6 anos, e cresceu em Campina Grande. Os dois, menina e menino paraibanos, desenham com muita expressão (técnica também) utilizando toda folha e o material disponível. Israel destaca o detalhe do celular em um outro desenho, buscando apresentar crônicas de vidas tão distintas, regadas de tantos detalhes da vida vivida por essas duas infâncias; como se o movimento fosse a extensão corporal, fossem eles mesmos, ele lembra: “Tudo faz pelo celular nessa pandemia!”. Já Libina lembra que ficar em casa (aldeia), “com os amigos e parentes foi uma felicidade!”



Os pernambucanos Maria Luiza (sete anos), Yuri Gabriel (doze anos) e Isaac (dez anos) vivem em comunidades pesqueiras e sabem apreciar a natureza, podem aprender a observar longamente a sombra do peixe na água, a temporalidade de cada ação, a dança no deslize do anzol que canta alto. As palmeiras circulares da Aldeia Xukuru na janela de Isaac podem ser melhor observadas pela menina Janiele (oito anos) em Salvador, ou pelo menino César Rafael (oito anos) em Teresina.

E ainda, o que dizer do desenho do menino baiano Lázaro que em seus seis anos de vida deseja tomar um bom banho em sua ilha de fogo. Lembra com carinho de suas experiências na Ilha, passeios com seus primos e familiares.

Para concluir alguns desses traços trouxemos o desenho *A armadilha*, de Luiz Fernando Mida (sete anos). O menino potiguar, morador de uma casa de passagem, que

ainda construindo sentidos para o mundo experimentou a violência das palavras e dos gestos e que projeta uma armadilha que garante que os maus não o alcancem:

“É uma armadilha o que vê daqui... aí aqui é a escada que é para as pessoas do mal subir... aí caí dentro da piscina... aí vão vir aqui, vão cair, vão se fingir de zumbi, aí tem um arco e flecha aqui que vai mirar neles e vão matar eles e eles vão morrer. Os que tão vindo do mal pula aqui, subindo aqui, vai se escorregar aqui. O do bem vai aqui pro verde, o do mal vai pro vermelho.”

Separando as pessoas boas e más, Luis Fernando pode nos ajudar com sua arte, e desde muito pequeno aprender que estética e ética caminham de mãos dadas, particularmente durante uma pandemia sem precedentes. Boas lembranças e desejos, até aqui pode-se observar os benefícios de viver junto à natureza-arte, que também foram revelados pelas crianças dos estados da Bahia, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte.

Dessa vez é a nossa colega Priscila Nascimento Marques (MARQUES, s.d.), que nos convida a analisar sobre os benefícios de estar em contato continuado com arte. Abrir os olhos para ver a natureza, o processo de conhecer e dominar o mundo, educar o olhar, ter ainda acesso e o domínio de técnicas para desenhar, pintar, fazer uma cerâmica, xilografar, grafar os detalhes do grafismo da aldeia dos povos originários, ou mesmo da ficção científica descrita pelo celular na experiência de Israel.

Afirma a psicóloga Priscila: “O contato com a arte e o desenvolvimento da sensibilidade artística equivale, assim, ao domínio de uma nova língua...” Implica, portanto, ampliar a visão que possamos ter do mundo, podendo, ou não, compreender os sentimentos expressados nessas oportunidades; evidentemente que dependerá das oportunidades autônomas, distantes de modelos adul-





tos cêntricos estereotipados.

Vale considerar que, em nosso ponto de vista, nenhuma dessas experiências tem características espontâneas, isso porque as crianças que gentilmente aceitaram participar desse desafio estão inseridas em um meio social, pertencem a determinada cultura e vivem em diferentes locais do nordeste brasileiro — aldeia, assentamento, campo, cidade, favela, quilombo, litoral e sertão. Todas tiveram acesso ao mesmo material — papel, lápis e canetas; receberam a mesma carta — convite, tiveram uma conversa introdutória com o adulto/mediador sobre onde vivem, sua família, o que fazem durante a pandemia, como e com quem brincam, a escola e as ações e situações educativas (escolares) e a consigna — *desenhe o que você vê de sua janela/porta ou quintal*.

Sobre o ato espontâneo na infância (brincar, desenhar), outro destaque que consideramos oportuno mesmo que a criança tomasse a iniciativa de brincar de fazer de conta, desenhar, esculpir, dançar, cantar etc., ela partiria de alguma experiência anterior de sua cultura ou mesmo em diálogo com outras culturas e sua imaginação (ELKONIN, 2009).

Ouvimos quarenta crianças, elas se expressaram inventando traços e crônicas de suas experiências, nossa vontade é que os meninos e meninas *continuem inventado*, pois como afirmou o poeta Manoel de Barros “tudo que não se inventa é falso...” (BARROS), s.d.).

Esperamos ainda ter proporcionado boas reflexões e boas lembranças também das infâncias dos adultos que participaram dessa empreitada, e aos leitores/as que irão partilhar conosco de mais uma experiência desses tempos que carece de resistência com arte!

REFERÊNCIAS

BARBA, Patricia Carla Souza Della. Saúde da criança. O brincar em tempos de pandemia. **Informa SUS UFSCar**. 2020. Disponível em: <https://www.informasus.ufscar.br/o-brincar-emtempos-de-pandemia/>. Acesso em: jul. 2020.

BARROS, Manoel de. **Crianceiras - Era o menino e o rio**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=H-3q2qGFvea8&ab_channel=Crianceiras

ELKONIN, Daniil. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

WALLON, Henri. O jogo. *In: A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Setenta, 1981. cap. 5, pp.75-92.

MARQUES, Priscila Nascimento. As janelas da imaginação.

MELO, Symone Fernandes de. As Crianças e os traços de um Mundo em Pandemia.

RIBEIRO, Maria de Jesus Araújo; MELLO, Ana Maria Araújo. Retorno à creche e à escola: direitos das crianças, suas famílias e seus educadores - gestores, professores e funcionários. **Revista @ambienteeducação**, São Paulo, v. 14, n. 1, pp. 275-279, jan.-abr. 2020. Disponível em: <http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/viewFile/995/805>.

PINHEIRO, Marina A. **Psicologia, Arte e Vida: o cotidiano como gestão do inédito**.

SILVA, Alexandre Rodrigo Nishiwaki da; BORIOLLO, Beatriz de Cássia (Orgs.) **Quando os olhos se abrem - Educação Infantil em contexto**. Pedro & Joaquim e Universidade de São Paulo, São Carlos (SP), 2020.

GUIAS da **Campanha Nacional pelo Direito à Educação:**

Recomendações, sugestões, experiências e histórias para as crianças - covid-19. Disponível em: <https://campanha.org.br/acervo>.

Caderno de Direitos – Frente Nordeste Criança, EDULFI, 2020. Disponível em: https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/Caderno_Direitos_-_EDULPI_com_ISBN20200725103619.pdf.

A importância do brincar em tempos de Covid-19. Rede Pará. Acesso em: julho de 2020, <https://redepara.com.br/Noticia/213888/a-importancia-do-brincar-em-tempos-de-covid-1>.



Para saber mais:

Amore, C. S. Quarentena dentro da quarentena: grupos subjugados e vulnerabilidade das infâncias na cidade. II encontro do curso: Infâncias em tempos de pandemia. Universidade Federal do ABC. 2020.

Arroyo, Miguel. Vidas das infâncias ameaçadas: quando a opressão é a regra. Abertura do I Webinar infâncias e educação infantil em tempos de pandemia. Grupo de Estudos e Pesquisas em Pedagogias e Culturas Infantis. CEDU – UFAL. Junho de 2020.

Como sobreviver à quarentena com crianças em casa? – O grupo *Pé no Chão – Espaço de Brincar*, um grupo de especialistas em brincadeiras e desenvolvimento infantil, ofereceu o e-book “Como sobreviver à quarentena com crianças em casa?”. contato@penochaoespacodebrincar.com.br.

Entrevistas com 13 crianças brasileiras (2 a 11 anos), diferentes regiões e contextos sociais: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/como-as-criancas-entendem-o-que-ninguem-compreendeu-ainda/#page2>



As Crianças e os Traços de um Mundo em Pandemia

Symone Fernandes de Melo⁴



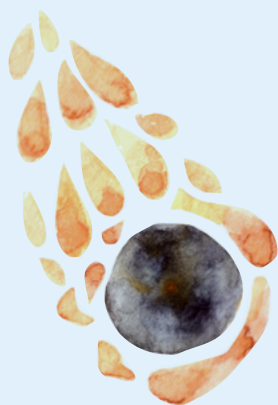
As crianças estão sempre a nascer. Às vezes nascem de explosivas alegrias, de achados incríveis, de deslumbramentos únicos, mas o mais frequente, uma vez após outra, é nascerem de cada tristeza sofrida em silêncio, de cada desgosto padecido, de cada frustração imerecida. Há que ter muito cuidado com as crianças, nunca me cansarei de o dizer. (Saramago, 1995)

É o cuidado à criança, afirmado em linguagem poética por Saramago (1995), que instiga essa escrita. É preciso voltar o olhar às diversas infâncias que acontecem em um tempo de pandemia. São muitas as rupturas, as perdas, os lutos, nem sempre devidamente mediados, quando também os adultos acompanham, entre surpresos, inquietos e atônitos, o desenrolar de um estranho tempo. Para uma aproximação do ser criança em tempos de pandemia é preciso considerar que estas compartilham um mesmo mundo com os adultos, mas diferem no modo de apreendê-lo e habitá-lo. Para compreendê-las, é preciso seguir as pistas da filosofia e da poesia.

O filósofo francês Merleau-Ponty (1949-1952/2006), alerta-nos que “a criança não é um ‘adulto em miniatura’, com uma consciência semelhante à do adulto, porém inacabada, imperfeita — essa ideia é puramente negativa. A criança possui outro equilíbrio, e é preciso tratar a consciência infantil como um fenômeno positivo” (p. 165). A criança encontra-se imersa, entregue à experiência de conhecer e viver o mundo — mundocentrada. A criança está no mundo tanto quanto o mundo está na criança; por isso, e para o desespero dos adultos, ela olha com as mãos, pensa com o corpo: um corpo vivido imerso em um mundo sensível. Um olhar cuidadoso em relação às infâncias que nos rodeiam irá evidenciar uma criança plástica, imaginativa, vivencial, que compartilha mundo com os adultos, mas transita por outra lógica, outros modos de pensar, sentir e agir (MACHADO, 2007; 2010). Para compreendê-la, será preciso, pois, descentrar o olhar adultocêntrico, ou, parafraseando o escritor Mia Couto (2009), “[...] despir a idade, desobedecer ao tempo.” (p. 114).

Saramago (2006), também nos ajuda a compreender esse modo próprio de ser criança, ao descrever:

A criança que eu fui não viu a paisagem tal como o adulto em que se tornou seria tentado a imaginá-la desde a sua altura de homem. A criança, durante o tempo que o foi, estava simplesmente na paisagem, fazia parte dela, não a interrogava [...]. Os seus jovens olhos eram capazes de apreciar e registar os grandes espaços abertos diante de si, mas há que dizer que a sua atenção sempre preferiu distinguir e fixar-se em coisas e seres que se encontrassem perto, naquilo que pudesse tocar com as mãos, naquilo também que se lhe oferecesse como algo que, sem disso ter consciência, urgia com-



preender e incorporar ao espírito (p. 13).


Ao escritor português encanta, na criança, o que não consegue encontrar no adulto: a ingenuidade perante o mundo, a “desprevenção”, a ausência de ideias feitas. O mundo visto do lugar de criança revela detalhes, nuances que escapam ao olhar adulto, treinado em demasia em concepções prévias.

Crianças são seres brincantes, em intenso exercício da liberdade que somente aos chegantes neste mundo é permitida. Em seus modos próprios de ser, são múltiplas as linguagens da infância, sendo preciso garantir às crianças o espaço necessário às suas peculiares expressões linguageiras, que precisam ser compreendidas em sua inteireza e complexidade (GOBBI & PINAZZA, 2014). Dentre tais formas expressivas encontra-se o desenho infantil.



No cenário inóspito de uma pandemia, assim como ocorreu no campo de concentração de Theresienstadt, na Tchecoslováquia, no período do Holocausto (BRENNER, 2014), ou como acontece há uma década no contexto da guerra civil da Síria, as crianças insistem em traçar mundos. Em papéis, paredes, muros, telas, vão deixando suas marcas, registros do tempo vivido. Convidamos o leitor, pois, ao encontro com os desenhos infantis. Pensamos que tais registros têm o potencial de contar histórias, generosamente acessíveis a quem se dispuser a olhar com atenção. No momento que vivemos, os desenhos das crianças nos contam as múltiplas histórias de uma pandemia. A pandemia vivida pelas crianças.

Os desenhos de crianças sobre a pandemia, como expressão artística, conduzem-nos, não a uma história única, coerente, definitiva, com antecedentes, consequentes e nexos causais, mas possibilitam o acesso a uma multiplicidade de narrativas que se sobrepõem, se chocam, se contradizem (PEDROSA, 2016), narrativas produzidas



a partir de suas condições de existência e da capacidade de transitar livremente entre o real e o imaginário, mergulhando no que Merleau-Ponty (1949-1952/2006) denomina de zona da ambiguidade do onirismo.

A partir do desenho, como livre expressão, a criança apreende o mundo pela linguagem da *poiesis*, do desvelamento. O escritor modernista Mário de Andrade (1975), entusiasta e estudioso do desenho das crianças, assinala o caráter infinitamente sutil do desenho, de ser, ao mesmo tempo, transitoriedade e sabedoria. Ele concebe o desenho como um fato aberto e recomenda: “os desenhos são para a gente folhear, são para serem lidos que nem poesias” (p. 77).

A criança não desenha simplesmente o que vê. Merleau-Ponty (2002; 1948-1952/2006) convoca-nos à rejeição do postulado de que o desenho é construção do equivalente do objeto. Ao desenhar, a criança busca comunicar o objeto a outrem e marcar no papel um símbolo de sua coexistência com a coisa que se oferece ao seu olhar, mas que, ao ser colocado no papel, não é imitado, mas retomado. A criança faz uma exposição ativa e afetiva do que vê. O desenho busca exprimir não o mundo objetivo, mas a nossa relação com o mundo. Trata-se, diz o filósofo, de um testemunho, não da oferta de informações.

O desenho transita entre arte, ciência e técnica. Uma folha de papel em branco, constitui-se para a criança em um espaço movente, que potencializa seus possíveis e impossíveis, mas que também pode assustar, quando os códigos de representação, que funcionam como modelos *a priori* de uma ideia de desenho, antecedem a experiência em si, colocando obstáculos à livre expressão, em sua dimensão singular e poética (DERDYK, 2014).

As narrativas pictóricas trazem, muitas vezes, representações metafóricas, não indicadas de forma explícita pelas imagens, modelos gráficos ou estereótipos mais

comuns. Comportam sentidos invisíveis que nos surpreendem, que provocam uma incerteza interpretativa, mas que podem ser trazidos à luz, explicitados na relação com a criança. “Acolher, como adultos, as mensagens invisíveis que atravessam as imagens requer uma aproximação delicada, aberta ao possível e ao incerto” (STACCIOLLI, 2014, p. 100).

Portanto, na compreensão do desenho infantil, devemos evitar as interpretações “armadas”, ou seja, não devemos encaixar uma simbologia previamente determinada, mas considerar o lugar da criança como idealizadora e, conseqüentemente, a melhor intérprete de sua criação (AGUIAR, 2004).

Embora a maior parte daqueles que pesquisam sobre o desenho infantil enfatize seu aspecto evolutivo, com ênfase em uma perspectiva maturacional, a abordagem histórico cultural, a partir das ideias de Vygotsky, nos ajuda a situar o grafismo também como atividade cultural, marcada pelas interações sociais e mediada pela linguagem. Um olhar à história gráfica da criança, contemplando quando e quem lhe oferta materiais de desenho; como o faz; quem desenha com ela; quem aprecia, ou não, suas produções; como se dá a fala auto-organizadora da criança ao desenhar; como acontecem as trocas dialógicas com o adulto e com pares enquanto desenha, revela, para além do desenho pronto, acabado, o desenho em produção, apontando sua constituição social a partir de condições histórico-culturais (SILVA, 2002).

Gobbi (2014) reafirma tal caminho de compreensão dos desenhos, concebendo-os como artefatos culturais e documentos históricos. Para a autora, o desenho, como verdade iconográfica, guarda elementos da imaginação e do cotidiano vivido. Neste mesmo sentido, para Machado (2010), a capacidade criativa da criança na cons-

trução de um repertório de imagens ancora-se na história da cultura humana e nos contextos diversos de vida. No decurso do tempo a história de cada criança é, inelutavelmente, afetada por instabilidades e incoerências, confrontando-a com limites, contingências ao exercício de sua liberdade (SOUZA& ROJAS,2010). À atual geração de crianças, além dos singulares desafios, coube a experiência de uma pandemia, que opera uma ruptura brusca em suas vidas, exigindo mediadores de compreensão e expressão. Dentre estes, evidencia-se o desenho, como expressão de si e do mundo. No Nordeste do Brasil, dentre as histórias que serão contadas sobre a vivência da Pandemia da covid-19, em um país extremamente diverso e desigual, e em um período de intensa crise econômica, social, sanitária, política e ética, as narrativas pictóricas das crianças, certamente, merecem um lugar de destaque.

REFERÊNCIAS

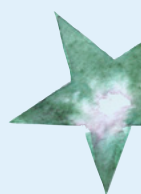
AGUIAR, E. **Desenho livre infantil:** leituras fenomenológicas. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

ANDRADE, M. Do desenho. *In:* (org). **Aspectos das artes plásticas no Brasil.** 2.ed. São Paulo: Martins, 1975. pp. 69-77.

BRENNER, H. **As meninas do quarto 28:** amizade, esperança e sobrevivência em Theresienstadt. São Paulo: Leya, 2014.

COUTO, M. **O fio das missangas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Contos.

DERDYK, E. Papel em branco. *In:* GOBBI, M. A.; PINAZZA, M. A (Orgs.). **Infância e suas linguagens.** São Paulo: Cortez, 2014. pp. 127-135.



GOBBI, M. A. & PINAZZA, M. A. Linguagens infantis: convite à leitura. *In: Infância e suas linguagens*. São Paulo: Cortez, 2014. pp. 11-19.

GOBBI, M. A. Mundos na ponta do lápis: desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é criação infantil. **Linhas Críticas**, v. 20, n. 41, pp. 147-165, 2014.

MACHADO, M. M. O imaginário infantil como trabalho-em-processo. **Childhood & Philosophy**, v. 6, n. 12, pp. 281-295, 2010.

MACHADO, M. M. **A flor da vida**: sementeira para a fenomenologia da primeira infância. Tese. (Doutorado em...). Programa de Estudos Pós-graduados em Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

MERLEAU-PONTY, M. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Psicologia e pedagogia da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Psicologia e pedagogia)

PEDROSA, A (Org.). **Histórias da infância**. São Paulo: MASP, 2016. SARAMAGO, J. **As pequenas memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SARAMAGO, J. A neve preta. *In: Deste mundo e do outro*. 8. ed. Portugal: Caminho, 1995. pp. 223-226.

SILVA, M. C. S. **A constituição social do desenho da criança**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

SOUZA, M. M. G. G. & ROJAS, J. S. O brincar uma percepção. **Revista Rascunhos Culturais**, v. 1, n. 2, pp. 289-300, 2010.

STACCIOLLI, G. Ostracos invisíveis nos desenhos das crianças. *In: GOBBI, M. A.; PINAZZA, M. A (Orgs.). Infância e suas linguagens*. São Paulo: Cortez, 2014. pp. 97-126.

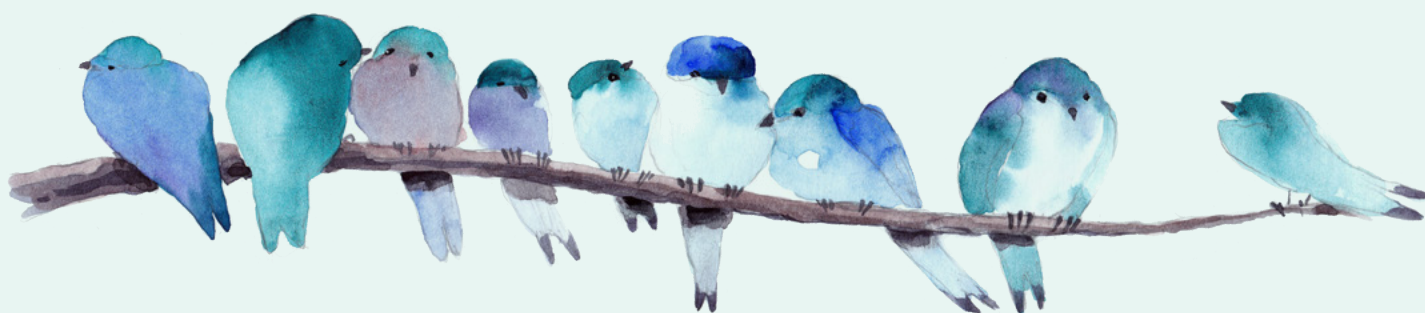
As janelas da imaginação

Priscila Nascimento Marques ⁵

Pensar sobre as relações entre desenvolvimento infantil e arte traz, com frequência, mais perguntas e inquietações do que propriamente respostas e certezas. Não que isso seja mau. Desde Sócrates a arte de questionar foi reconhecida como o aspecto mais crucial para o desenvolvimento do pensamento.

Quando o assunto é a arte e infância, muitos questionamentos se fazem presentes: deve a criança ter acesso à (qual) arte? A criação infantil é, de fato, arte? Qual o papel da arte para o desenvolvimento infantil? Quais as relações entre arte e brincadeira?

Contudo, como nos lembra Vigotski (2018) – nosso camarada interlocutor nestas linhas – nada disso passa efetivamente na cabeça da criança, toda essa “pilha de questões pedagógicas” que povoa o imaginário preocupado do adulto passa ao largo do mundo lúdico infantil. E Vigotski complementa: “Ainda bem!”.



Desde que a infância passou a ser reconhecida historicamente como uma fase específica do desenvolvimento todo um arcabouço de saberes foi construído tanto para reconhecer e preservar esse estágio da vida quanto promover seus potenciais. Não há dúvida de que a descoberta da infância e tudo o que ela produziu no campo das ciências, das leis e dos relacionamentos humanos constituiu verdadeiro avanço civilizacional. Sendo assim, a “pilha de questões” não tem nada de dispensável.

Ocorre que esse interessante estado de coisas — de um lado o jogo desinteressado da criança e, de outro, as elaborações teóricas a respeito — traz em sua base uma contradição fundamental que merece ser explorada. Afinal, assim como as perguntas podem ser mais produtivas do que as respostas, as contradições podem igualmente ser mais reveladores do que consonâncias. Mas antes de esmiuçarmos esse paradoxo, e também para deixar mais claro como chegamos a ele, convém nos debruçarmos sobre outra questão, isto é, as relações entre arte e brincadeira.

Uma possível aproximação entre a experiência artística e a brincadeira infantil considera ambas como forma obtenção de prazer ou de alguma forma de conhecimento, seja moral ou mesmo científico. Com efeito, ouvir uma música ou assistir a um filme pode nos ensinar algo e, muito provavelmente trará satisfação. Quanto à brincadeira, não é preciso dizer que seu objetivo é divertir e, por que não, ser um veículo de aprendizado. Não à toa a escola nos faz ler obras literárias e tantos brinquedos chamados educativos já foram inventados. Mas seriam tais objetivos pedagógicos e/ou o puro divertimento o elo que une brincadeira e arte? Voltemos a Vigotski:

Na brincadeira, a criança sempre transforma criativamente a realidade. Durante a brincadeira, as pessoas e as coisas adotam





facilmente um novo significado. Uma cadeira não representa apenas um trem, um cavalo ou uma casa, mas realmente participa do jogo como tal. E essa transformação da realidade no jogo sempre está orientada pelas exigências emocionais da criança.(VIGOTSKI, 2003, p. 243).

Assim, pode-se pensar que é pela via da *criação* que arte e brincadeira se encontram. Embora a brincadeira — assim como a arte — recrute a memória, implique o resgate de experiências e conhecimentos anteriores, o aspecto mais fundamental dessa atividade é justamente a superação dessa memória, do visto e/ou vivido, isto é, a sua *reelaboração criativa*. Assim, seja no objeto estético ou na brincadeira, o que se realiza está muito além de uma reprise ou decalque da realidade.

O excerto citado acima chama atenção também para outro aspecto basilar dessa atividade: a construção de novos significados. De modo geral, a produção do novo passa por uma capacidade de recolher elementos do real e recombina-los de maneira original. Por outro lado, os produtos da criação se tornam eles mesmos objetos tão reais quanto os elementos que os originaram e, por sua vez, agem sobre a realidade, influenciando a construção de outras coisas que ainda não existem.

Na brincadeira e na arte, o indivíduo satisfaz no plano real e concreto uma necessidade mais ou menos clara (às vezes bastante obscura – os afetos generalizados de que fala Vigotski), necessidade esta que emerge do plano das emoções e da vontade. Dessa forma, pela arte, assim como pelo brincar, satisfazemos um desejo, realizamos uma vontade, mediante o trabalho da imaginação. Essa capacidade de saltar sobre si mesmo, de olhar um objeto real e imaginar outra coisa — o cabo de vassoura que vira

cavalo, os prendedores de roupa que viram peças de uma engenharia lúdica — é o que a brincadeira exercita.

Evidente que, no plano cognitivo, isso está longe de ser pouca coisa, “do ponto de vista do desenvolvimento, a criação de uma situação imaginária pode ser analisada como um caminho para o desenvolvimento do pensamento abstrato” (VIGOTSKI, 2008, p. 36). Assim, a brincadeira é a fonte do desenvolvimento da criança, ela fertiliza o solo para que um tipo de capacidade ainda não instalada possa germinar, o que na teoria histórico cultural leva o nome de zona de desenvolvimento proximal.

Mas isso ainda não é tudo. O brincar elabora, exercita e organiza o campo das emoções da criança. A necessidade de criar nasce de anseios não realizados; é a inadequação entre as necessidades internas e as possibilidades reais que impulsiona a inventividade, que constitui o motor da criação. Por isso, Vigotski fala em “suplícios da criação” (2009), uma vez que necessariamente há uma distância entre o que se deseja expressar e as possibilidades materiais de se fazê-lo.

Esse embate entre o desejo e as condições reais é o fermento psíquico que se realiza concretamente na criação. Assim, a atividade criadora une de modo indissociável tanto aspectos intelectuais quanto emocionais, sendo que a educação estética age sobre esses dois polos. Ao exercitar sua capacidade criativa na brincadeira ou apreciar uma obra de arte, a criança desenvolve gradativamente um certo olhar para o mundo, um olhar propriamente estético, isto é, inventivo, inusitado e muito particular. Pois é nesse encontro, sempre singular e irrepetível, entre o material psíquico individual e os meios coletivos de produção que a criação opera: o resultado é a um tempo pessoal, dada sua raiz emocional, e social, pois se volta para o exterior, comunica.



Dessa forma, o sentimento, antes particular, ao ganhar forma artística, torna-se social e se converte ele mesmo em elemento objetivo da realidade, capaz de transformar, por sua vez, aquele que entra em contato com o objeto estético: “a arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos do nosso ser” (VIGOTSKI, 2001, p. 315).

Ao lado do brincar, dos jogos dramáticos e do faz de conta destaca-se, na infância, outra modalidade de criação: o desenho. A expressão gráfica como produção a um tempo técnica e criativa é um processo marcado por diferentes etapas que se desenvolvem entre a primeira infância e a pré-adolescência. Por se tratar de um tipo de produção que nos interessa mais de perto aqui, destrincharemos as características de cada uma dessas etapas.

Na primeira delas o desenho é puramente esquemático e tem pouca relação com a representação da realidade. A criança desenha de memória: a percepção visual não é primordial, o desenho expressa aquilo que importa para a criança. Trata-se de uma representação eminentemente pessoal, apenas fragilmente relacionada com o mundo concreto. A criança “desenha o que sabe sobre a coisa; o que lhe parece mais essencial na coisa, e não aquilo que vê ou o que imagina sobre a coisa” (VIGOTSKI, 2009, p. 107).

Trata-se menos de uma representação do que de uma narrativa, de cunho integralmente subjetivo, sobre a realidade. O desenho é uma narrativa gráfica daquilo que a criança apreendeu sobre o objeto representado. No segundo estágio, a consciência sobre a forma amadurece, as partes são melhor integradas e inter-relacionadas e o resultado se aproxima um pouco mais do objeto representado, ainda que o desenho não tenha superado inteiramente seu caráter esquemático.



No terceiro estágio a criança chega à representação verossímil, os contornos são melhor elaborados, embora não haja tridimensionalidade e volume. Essas últimas características se desenvolvem apenas no quarto estágio, a etapa da representação plástica, à qual nem todos chegam, especialmente sem o auxílio do ensino artístico técnico.

O conhecimento de tais etapas nos traz informações valiosas (e até contraintuitivas) acerca do papel da criação gráfica no desenvolvimento, uma vez que revela de que modo o desenho emerge como elaboração pessoal da realidade percebida e resgatada pela memória, um exercício alicerçado menos na visão e representação daquilo que está fora da criança do que daquilo que está dentro dela.

Daí depreende-se a importância, para a evolução da percepção estética, da *visão*:

A orientação fundamental da evolução da criança relaciona-se ao papel crescente que a visão tem no processo de conhecer e dominar o mundo. De uma situação subordinada, a visão assume um papel predominante, e o próprio aparelho motor-tátil do comportamento da criança subordina-se à visão. (VIGOTSKI, 2009, p. 1140).

É precisamente por meio dessa educação do olhar, da sensibilidade estética, que a criança consegue avançar no percurso de apreender a realidade criativamente, conferir a ela novos significados e, no limite, inventar o futuro. Essa capacidade será tão bem sucedida esteticamente a depender, também, de certo domínio técnico aliado à referida educação do olhar.

Oriunda da necessidade biológica de dar vazão à energia que não encontrou vias de se manifestar em outros âmbitos da vida, a criação artística, desde a infância, dá



conta desse *excedente*. Essa sobra irremediavelmente humana, ao ser formalizada como objeto estético, se converte em instrumento da emoção social. O contato com a arte e o desenvolvimento da sensibilidade artística equivale, assim, ao domínio de uma nova língua, o que, por sua vez, resulta em uma ampliação da visão de mundo, num aprofundamento dos sentimentos.

Do exposto até aqui, não será difícil deduzir o inestimável valor psicológico e pedagógico da criação infantil e da educação estética para a formação de um indivíduo afinado com a maior gama possível de sutilezas emocionais e criativo nas mais diversas esferas da vida adulta.

Tendo isso em vista, talvez seja este o momento adequado para resgatarmos a contradição a que aludimos no começo deste texto: devemos investir de interesse, direcionar conscientemente a atividade criativa espontânea da criança manifesta na brincadeira e/ou no desenho?

Como fazer para que toda essa elucubração teórica, esse conhecimento sobre as implicações para o desenvolvimento, isto é, sobre a *seriedade da brincadeira* não tire a graça do brincar?

Gostaria de terminar essa reflexão com um chamado para que o ferramental teórico não se interponha no caminho da ludicidade, não imponha um caráter utilitário e instrumental ao jogo desprezioso da criança. Que nós, seja como psicólogos, pedagogos ou pais, saibamos ouvir as palavras do artista Cildo Meireles: “A arte, cuja função é não ter função, é imprescindível” (ALENCAR, 2020). Ainda esse respeito, convido Ortega y Gasset para a conversa:

Por isso, senhores, a vida — o Homem — se esforçou sempre em acrescentar a todos os afazeres impostos pela realidade o mais estranho e surpreendente fazer, um fazer, uma



ocupação que consiste em deixar de fazer-tudo o mais que fazemos seriamente. Este fazer, esta ocupação que nos liberta das demais é... jogar. Enquanto jogamos não fazemos nada – entende-se não fazermos nada a **sério**. O jogo é a mais pura invenção do homem; todas as demais vêm, mais ou menos, impostas e pré-formadas pela realidade. O jogo, pois, é a arte ou técnica que o homem possui para suspender virtualmente sua escravidão dentro da realidade, para evadir-se, escapar, *trazer-se* a si mesmo deste mundo em que vive para outro irreal. (ORTEGA Y GASSET, 2014, p. 55)



Que a arte possa ser esse veículo de exercício simbólico e emocional, o lugar onde seja permitido escapar do jugo das relações causais e lógicas para inventar um mundo novo – coisa tão urgente em situações-limite como a que se impõe neste momento histórico. Que o caminho esteja livre para que a criança possa abrir “as portas e janelas” para *fazer* o sol nascer em seus riscos e rabiscos – que sua imaginação seja “um pássaro que vive avoando sem nunca mais parar”.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, M. E. Cildo Meireles: “A arte, cuja função é não ter função, é imprescindível”. **RFI**, s.l., 2 out. 2017. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/franca/20171002-cildo-meireles-arte-cuja-funcao-e-nao-ter-funcao-e-imprescindivel>. Acesso em: 16 set. 2020.

GALVÃO, L. Preta Pretinha. Acabou Chorare. Som Livre, 1972.

ORTEGA Y GASSET, J. **A ideia do teatro**. Tradução: J.

Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2014.

VIGOTSKI, L. S. A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Tradução Zoia Prestes. **Revista Virtual de Gestão e Iniciativas Sociais**, junho, 2008.

VIGOTSKI, L. S. Educação estética. *In: Psicologia Pedagógica*. Tradução: Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. Tradução: Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. Sobre o teatro infantil. *In: MARQUES, P. M. O “jovem” Vygótski: inéditos sobre arte e o papel da criação artística no desenvolvimento infantil*. Educação e Pesquisa, v. 44, 2018.



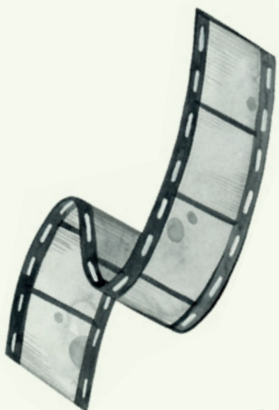
Psicologia, Arte e Vida: o cotidiano como gestação do inédito

Marina Assis Pinheiro (UFPE)⁶

O tempo cotidiano é compasso do movimento vital de ser-com-os-outros. Nesta dança intersubjetiva produzida pelo campo da cultura, é possível identificar dois fluxos que perfazem o *continuum* de sua dinâmica, a saber: a marcha e o salto. Como gramática rítmica das corporeidades e suas formas de vida, no polo da marcha encontramos o fluxo da continuidade serializada do tempo, das cadências orientadas pela demanda dos outros, da obediência à disciplina, dos relógios de precisão digital forjados no vocabulário do dever, da velocidade de produção e sua permanente pressa. Simultaneamente, a polaridade do salto é também gestada neste percurso cotidiano. Nela, encontramos as forças de ruptura do aqui-e-agora por via da suspensão da marcha social maquínica, da transformação sobre a serialidade produtiva através do desfolhar de forças surpreendentes, invisíveis, extraordinárias. Estas últimas, se por um lado descentram e indicam abismos, elas também podem impulsionar o subversor poder do salto, do voo mágico ali onde poderia se esperar apenas o tropeço e a queda. A personagem Selma, encenada por Bjork, em *Dançando no Escuro* (Lars Von Trier, 2000), é uma preciosa alegoria para esta proposição. A protago-

nista é uma operária de metalúrgica que esconde sua cegueira progressiva. No dia a dia do trabalho, Selma transmuta/ficciona o barulho produzido na materialidade fria das prensas que manipula em cenas musicais e melodias. Ao longo do próprio curso da ação na fábrica irrompem sensibilidades transformadoras da objetividade requerida pelo campo dos procedimentos e prescrições. A narrativa fílmica desvela de modo flagrante a tênue fronteira entre sua internalidade psíquica e a aspereza da externalidade do mundo. Em suas fabulações, Selma cria paisagens imaginativas de intensa força dramática numa síntese complexa entre sua vulnerabilidade social e o impossível dos seus desejos não renunciados.

Por este caminho poderíamos reconhecer que esta outra temporalidade, não cronológica, é produtora de musicalidades construídas a partir de ruídos ambiguos oriundos da prosa aparentemente banal da vida cotidiana. “O pai à cabeceira, o relógio de parede às suas costas, cada palavra sua ponderada pelo pêndulo, e nada naqueles tempos nos distraíndo tanto como os sinos graves marcando as horas” (NASSAR, 2002, p. 49). André, o filho pródigo às avessas de Lavoura Arcaica, assim como Selma no filme supramencionado, constroem suas narrativas através de uma subversora “distração”. Seria através desta mutação/abertura insólita do campo atencional que o sino grave das horas é capaz de projetar musicalidades insuspeitas. Sendo assim, como realidade psíquica, aquilo que reconhecemos sob o território das artes teria seu nascimento, talvez, como essa espécie de fresta temporal-afetiva, uma abertura transformadora das compreensões, das sensibilidades e das futuridades advindas no intenso presente com suas interpelações inesperadas. Já nos diria Vygotsky em *Psicologia da Arte*, “A arte está para a vida como o vinho para a uva — disse um pensador, e estava coberto de razão, ao indicar assim que a arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está



nas propriedades desse material” (1998, pp. 307-308).

As artes e todas as produções da cultura nascem destas formas especiais de encontro com o outro e com a estranheza do mundo. Seria nas bordas e pelas frestas formadoras de intensidades afetivas, surpreendentes e inquietantes, que novas formações simbólicas são negociadas e produzidas modificando com certo grau de ineditismo as relações e as polaridades da tríade eu-outro-mundo (SIMÃO, 2016). Por este motivo, desde a intimidade das formas de ser impactado e endereçar nossas mensagens ao outro, até os diálogos interiores de Anna Kariênina (TOLSTÓI, 2017), a temporalidade criadora da realidade humana e intersubjetiva é, necessariamente, como propõe a professora Lívia Mathias Simão (2010), uma forma de *beyondness*, de ir além da finitude imediata, produzindo o máximo furo de circulação social-histórica para além também da clausura própria à concretude situacional. A arte depõe sobre as formas de resistência à finitude, de insubmissão à servidão voluntária, de construir um eu-para-si como poeta forte da história implicando, precisamente, acolher e subverter as marcas cegas que o acaso lhe deu (RORTY, 1995).

FIÇÕES E FORMAS DE VIDA

A transformação própria à emergência do novo, à intimidade dos processos criativos nos modos compreensão e reconhecimento do labirinto eu-outro, requer certo olhar sobre a noção de ficção na dança intersubjetiva da cultura (PINHEIRO & SIMÃO, 2020). Este termo, ficção, pode soar como uma extrapolação à especificidade dos vocabulários e das teorias em Psicologia. Mais que isso, como ciência, o espaço psicológico se filiado às matrizes das ciências naturais, tomaria a ficção como o oposto ao senso da verdade, previsibilidade e objetivismo. No entanto, na singularidade da condição humana, tais distin-



ções ganham contornos mais complexos. Nas palavras de Juan José Saer, ensaísta e autor de *O enteado*:



Ao ir em direção ao não verificável, a ficção multiplica ao infinito as possibilidades de tratamento. Não nega uma suposta realidade objetiva, ao contrário, submerge-se em sua turbulência, desdenhando a atitude ingênua que consiste em pretender saber de antemão como essa realidade se conforma. Não é uma claudicação ante tal ou qual ética da verdade, mas sim a busca de uma ética um pouco menos rudimentar. (2012, p. 3).

Nesta passagem, a ficção seria uma dimensão que une vida e arte, desde o cotidiano de pessoas comuns ao extraordinário das artes. Saer propõe assim, a compreensão da ficção como marca da expansão das verdades humanas, como o universo do possível. Ficcional seria, assim, uma expansão das possibilidades subjetivamente investidas, à procura de uma ética, como ele diz, “menos rudimentar”, menos apaixonada pelo autoritarismo de uma e única verdade messiânica, o que, num certo sentido, comporta todo seu avesso como o fenômeno das *fake news* pode atestar.

À época da popularização dos celulares com câmeras fotográficas acopladas, é interessante pensar no comentário de um adolescente em um fórum *on-line* sobre a “nova mania” das *selfies* no espelho. Em sua compreensão, isto acontecia porque “na mesma foto já dá para ver a frente e o verso”. Nesta curiosa formulação, o verso da fotografia, se por um lado indicava a imagem do fotógrafo indissociável do objeto fotografado, por outro, o verso das fotografias impressas, era um lugar desprovido de imagem, geralmente uma superfície em branco. Sendo assim, na resposta apresentada, encontramos um sentido que ficciona a cap-

tura de imagem do fotógrafo, o verso sem face, que seria justamente o ponto cego e enigma do fotografado. Se por um lado os incrementos digitais participam das manipulações e arrebatamentos pela imagem, por outro, não deixam de ser testemunho também do esforço de produção de um eu-para-si, de expandir perspectivas de autoria ainda que na brevidade instantânea de uma imagem e seus modos de endereçamento/consumo. Em outras palavras, a ficção mobilizada pela face não sabida e enigmática de nossas vidas (o verso de nossas fotografias) impulsiona, no cotidiano das vivências, a potencialidade para os saltos criativos. Os *loops* imaginativos implicados na criatividade transformam a temporalidade por via do diálogo entre futuridades antecipadas e passado reconstruído, memórias e afetos que duram e insistem em se repetir entre horizontes desejados e percursos evitados.

A ficção uniria assim, a pessoa e o artista, a criança e o adulto, num todo autêntico e criativo da existência. É conhecida a passagem bakhtiniana, em *Arte e Responsabilidade* (2003), em que o filósofo nos lembra sobre os efeitos éticos da dicotomização entre ciência, arte e vida. O isolamento de cada um destes três campos da cultura humana, separados pela racionalidade moderna, geraria a esterilidade de cada eixo da tríade, produzindo no indivíduo a crise de sentidos, dos propósitos e da responsabilidade, “O poeta deve compreender que a sua poesia tem culpa pela prosa trivial da vida, e é bom que o homem da vida saiba que a sua falta de exigência e a falta de seriedade de suas questões vitais respondem pela esterilidade da arte” (2003,). Arte e vida não são sinônimas na provocação de Bakhtin, contudo, sua leitura enfatiza a necessária interpenetração na unidade do indivíduo entre os três campos, sob o preço e risco da irrelevância na existência.





Em termos do processo de desenvolvimento humano conforme elaborado por Winnicott (1975), a adaptação que é colada à submissão irrestrita à realidade externa é marca da perda de sentido no próprio viver. Em sua teoria focada no viver criativo, a submissão irrestrita ao outro estaria associada ao sentimento de que nada importa, de que não vale a pena viver a vida. No sentido oposto, a percepção criativa, tal como surge no brincar e todas as formas de produção da cultura, é a que permite a produção simbólica que pavimenta os imensos vazios, subjetivando ali onde o nada ameaça.

Caberia agora indagar como o diálogo entre arte e Psicologia pode efetivamente lançar luz para aquilo que a atualidade de nossa forma de vida claudica em saber dizer? Em que medida o universo das artes se constitui como um excedente para a Psicologia, como ir além (*beyondness*) de sua compreensão? De que forma poderíamos empreender um diálogo entre Arte e Psicologia que não pacificasse as bordas de diferenciação, mas que fosse alimentado por sua tensão?

Longe de propor uma reposta a estas questões, torna-se válido lembrar que na história da Psicologia, a experiência estética — campo que também a articula ao universo das artes e da filosofia — se constituiu como um dos nascedouros dos seus primeiros laboratórios científicos, no caso de psicofísica. Na tentativa de marcar-se como ciência independente, livre de quaisquer metafísicas, este método experimental terminou por se afastar das relações com o mundo da vida, com tudo aquilo que conta no devir subjetivo das pessoas e suas consciências, num para além das descrições objetivas das sensações.

De acordo com Bavcar, fotógrafo cego e professor de estética, “Vivemos em um mundo que perdeu a visão. A televisão nos propõe imagens prontas e não sabemos

mais vê-las, não vemos mais nada porque perdemos o olhar interior, perdemos o distanciamento. Em outras palavras, vivemos uma cegueira generalizada.” (BAVCAR, 2001, p. 24). Em sua leitura, a ampliação do campo da imagem também implica a reflexão sobre o seu oposto, sobre o alargamento do invisível e os modos que a cultura encontra para reconstruí-lo imaginativamente, perspectivá-lo de várias formas, imprimindo novos sentidos ali onde se esperava apenas a confirmação do sabido.

UMA ALEGORIA

Clarice Lispector, em *Resto de Carnaval* (1998), parece bem representar através da narrativa, o campo do invisível mágico, da perspectiva transformadora:

Não, não deste último carnaval. Mas não sei por que este me transportou para a minha infância e para as quartas-feiras de cinzas nas ruas mortas onde esvoaçavam despojos de serpentina e confete. Uma ou outra beata com um véu cobrindo a cabeça ia à igreja, atravessando a rua tão extremamente vazia que se segue ao carnaval. Até que viesse o outro ano. E quando a festa ia se aproximando, como explicar a agitação íntima que me tomava? Como se enfim o mundo se abrisse de botão que era em grande rosa escarlate. Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas. Como se vozes humanas enfim cantassem a capacidade de prazer que era secreta em mim. Carnaval era meu, meu. (p. 25)



Em sua memória de menina-moça, a autora recupera nesta narrativa a revelação entre o desabrochar festivo da cidade e o desabrochar desejante de vida íntima, em meio a um carnaval marcado pelo adoecimento e risco



de morte da mãe. Na escrita, é como se a Clarice menina, de infância vivida no Recife, expandisse a Clarice adulta, num encontro sempre necessário e inquietante para dar vida á literatura como exercício igualmente vital. A agitação febril do corpo no horizonte da festa entra em co-gênese com o mundo em botão rosa escarlate. O texto clariciano parece um campo mister sobre a força do invisível que transforma toda anestesia da vida ordinária, no campo infinito do possível, de uma estética que rompe com a dormência torporsa da prosa cotidiana através de seus signos presentacionais. Signos presentacionais (Innis, 2020) são signos que instauram uma realidade, um semi-dito de uma imagem da vida sentida, mais que da vida representada, produtores de novas e imersivas experiências. A própria temporalidade da escrita, para além da racionalidade reflexiva, é campo de emergência do que se inscreve, de elaboração de uma outra temporalidade gestada por entre frestas ficcionantes do campo da ação. Nossos saltos criativos irrompem e podem ser ativamente construídos dentro da própria trama, aparentemente banal, de ser mais um num mar de outros.

No desafio da unidade dialógica entre Psicologia, Arte e Vida, talvez nos caiba sustentar a missão dar voz ao diverso em nós, no outro e no mundo; de perspectivar o invisível como o território gerador de novas linguagens. Talvez, assim, conseguiríamos nos aproximar efetivamente do registro utópico-democrático da diversidade como permanente exercício de expansão do conceito de “nós”. Talvez, assim, encontremos nossa arte de resistir como campo de saber, como diálogo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. ***Estética da Criação Verbal***. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAVCAR, E. (2001). ***Uma câmera escura atrás de outra***

câmera escura. In: Tesseler, E.(org.). A invenção da vida-arte e psicanálise. Porto Alegre: Artes e ofícios.

INNIS, R. (2020). ***Between Philosophy and Cultural Psychology.*** Cham: Springer.

LISPECTOR, C. ***Felicidade Clandestina.*** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NASSAR, R. ***Lavoura Arcaica.*** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PINHEIRO, M.; SIMÃO, L. Fiction. Glaveanu, P (Ed.). ***The Palgrave Encyclopedia of the Possible***, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-319-98390-5_95-1. Suíça: Springer, . Acesso em: 07 out, 2020.

RORTY, R. ***Contingency, irony and solidarity.*** Cambridge: Cambridge University, 1995.

SAER, J. O conceito de ficção. ***Revista Fronteiras***, n. 8, 2012. Disponível: <https://bit.ly/2Tjrd3u>. Acesso em: 03 mar. 2020.

SIMÃO, L. ***Ensaios dialógicos:*** compartilhamento e diferença nas relações eu-outro. São Paulo: Hucitec, 2010.

SIMÃO, L. Culture as moving symbolic border. ***Integrative Psychological and Behavioral Science***, , v. 50, n. 1, p. 14-28, 2016.

TOLSTOI, L. *Anna Kariênina.* São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VYGOTSKY, L. ***Psicologia da arte.*** São Paulo: Martins Fontes, 1998. WINNICOTT, D. ***O brincar e a realidade.*** Rio de Janeiro: Imago, 1975.



O quintal de minha casa...



Clique nos balões de localização para ver os
desenhos de cada região



**GIOVANNA
MARYANE NICOLAU
PONCIANO**

8 anos
Campo Grande (AL)


Título do desenho:
Minha felicidade

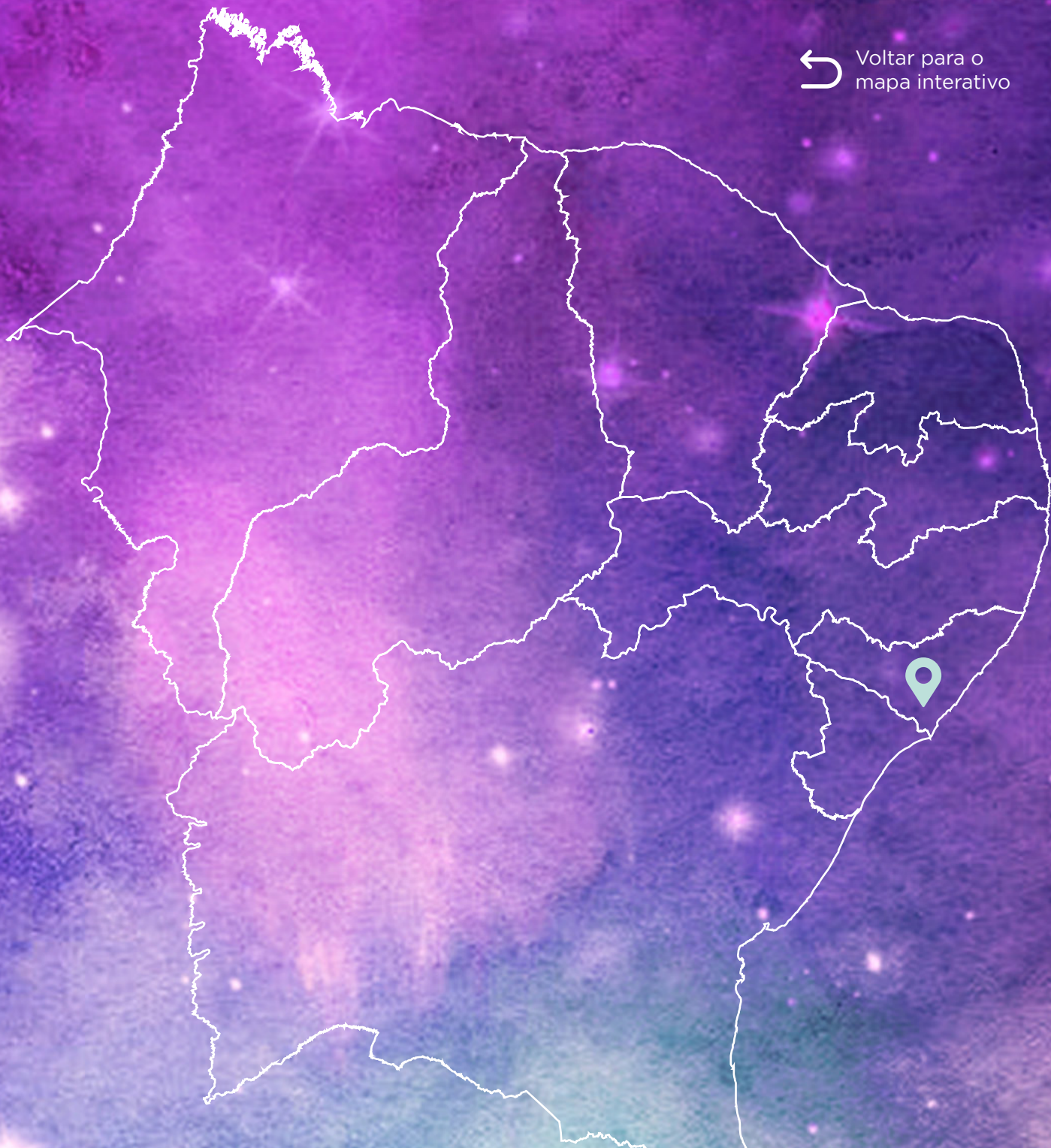
“*Eu gosto de brincar de boneca, e no celular... Mas não encontro com ninguém. Eu sou essa do vestido com o coração, tem a Priscila, Debora...*”



Escola

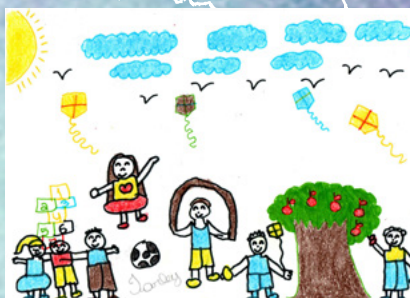
Giovanna

 Voltar para o mapa interativo




**IARLEY SANTOS
SILVA**

10 anos
Campo Grande (AL)



“ eu moro com minha avó,
eu leio livro e gosto muito
de internet também. No meu
desenho coloquei o que farei
com meus amigos...”



 Voltar para o
mapa interativo

LARA FERNANDA DOS SANTOS


5 anos
Maceió (AL)

Título do desenho:
O Gato chamado Bola

“*Eu tenho um gato chamado Bola. Quando crescer vou ser médica, para ajudar ...” Grande coração para dizer que amo minhas amigas. Aqui e a menina pulando em uma mola grandona no parque...”*





 Voltar para o mapa interativo

MIGUEL PAULINO MOURA

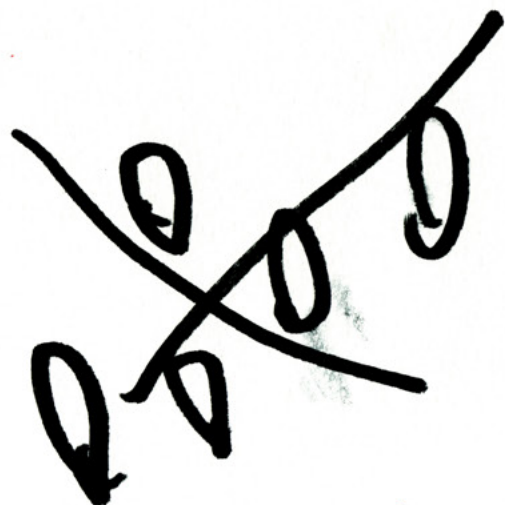
4 anos
Maceió (AL)

Título do desenho:


Miguel desenha

“ Desenho tudo e brinco de qualquer coisa, gosto de brincar, ... tem um gluglu que não gosta da gente, um peru! A gente distrai ele... O coronavirus está atrás da porta...e eu to dentro de casa ”.





TO MOUCEL

 Voltar para o
mapa interativo

RADASSA FRANÇA DE VASCONCELOS

6 anos
Maceió (AL)

Título do desenho:
O picolé gigante


“ Todos os dias eu vou para
praia, brinco de bicicleta e
brinco com minha prima Bia
e minha amiga Lorena ”





RR

RADASSA♡

 Voltar para o
mapa interativo

**JANIELE ALVES
BISPO DOS SANTOS**

8 anos
Salvador (BA)

Título do desenho:
A casa do amor

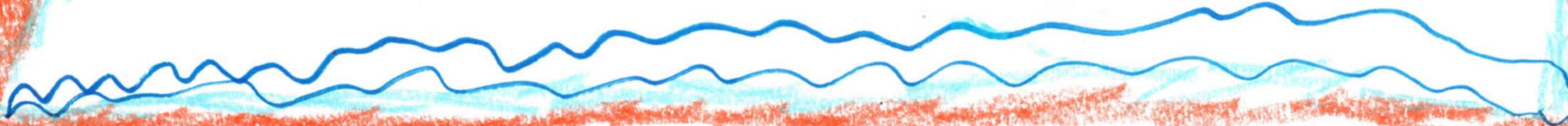





Janielle



DRIV



 Voltar para o mapa interativo

LÁZARO COSTA BRITO


6 anos
Juazeiro (BA)

Título do desenho:
A ilha do fogo e o parquinho

“ se não houvesse vírus, eu queria tomar banho de Rio na Ilha do Fogo e brincar no parque da orla. Brincar com meus primos eu gosto, mas estou com saudades da escola...”





 Voltar para o mapa interativo

LUAN DE LIMA MACEDO

10 anos
Salvador (BA)

Título do desenho: as regras

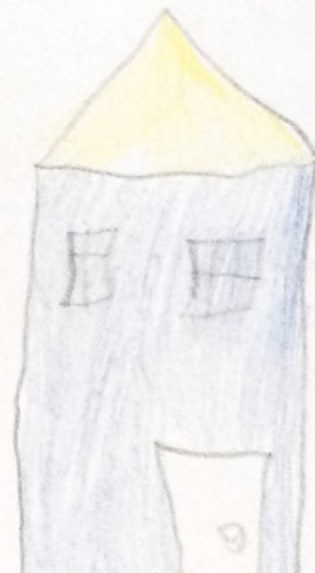
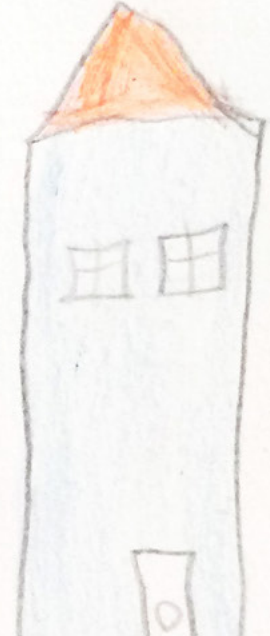
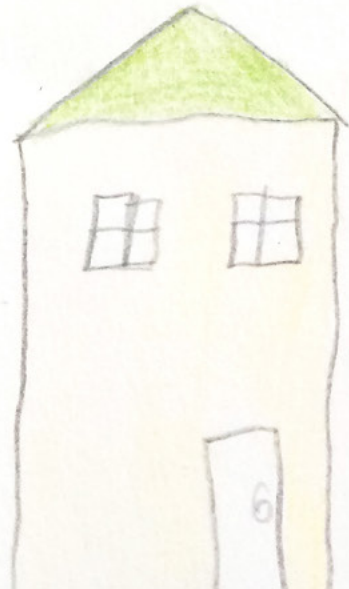
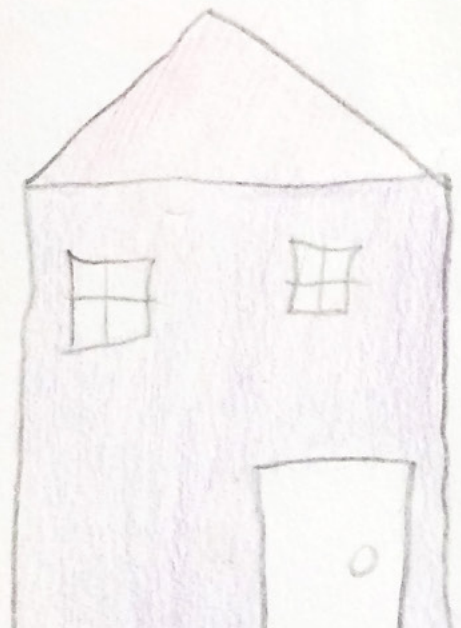
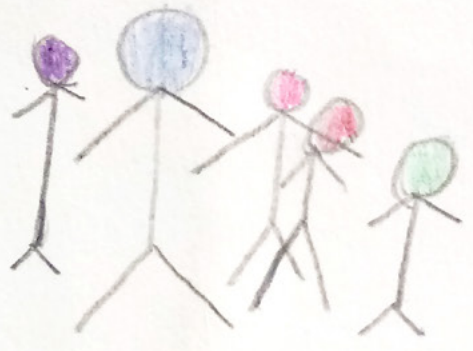
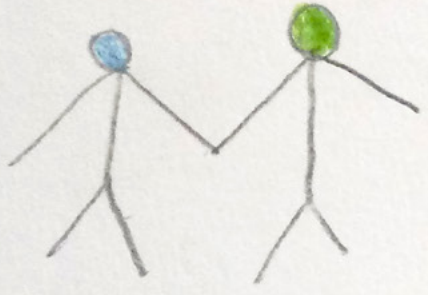
“... eu gosto jogar bola e videogame, durante a pandemia eu encontrei com outras crianças e brinquei e conversei... eu desenhei o que não podemos fazer, aperto de mão, piscina e ficar muito perto. Quando abro minha janela e vejo muitas janelas... eu desejo que todos sejam felizes e fiquem bem.”




A parca de mas

algumecacos

Muito Ricos



 Voltar para o
mapa interativo

WLISSES DA TRINDADE SILVA


7 anos
Monte Santo (BA)

Título do desenho:
trancados em casa

“...uns pés de umbuzeiro,
mandacaru que são plantas do
sertão, as galinhas e os pintos da
minha mãe, melancia e milho
que meu pai planta para nós
comer, durante esta epidemia
do coronavírus nós vivemos
em casa e na roça, eu brinco
com meus irmão debaixo das
árvores, meu pai faz os balanços
e arma a rede para nós, minha
mãe faz a comida enquanto meu
pai cuida das coisas da roça”.
Eu, meu irmão, irmã, de vez
em quando visita os avós e tias,
e encontro com os primos e
primas que moram próximo”.





 Voltar para o
mapa interativo

DANIEL TEIXEIRA BENIGNO

4 anos

Centro de Educação Infantil
Santos Francisco de Souza
Braga - Itapipoca (CE)

Título do desenho:

O corona não sobe escada

“Eu gosto, tem passarinhos,
crianças, ando de bicicleta...”

“Eu já fui à praia, sertão e serra
- três coisas, três climas...”


“O corona está sendo bom, eu fico
com a mamãe, papai a Bela...” e

bom a Vera, Bia, Giulia e Samuel”

...não tem pessoa na minha
rua, porque o corona está
bem pertinho, mas ele
não sobe escada...”





 Voltar para o
mapa interativo

JUAN DAVI CRUZ NASCIMENTO


7 anos
Fortaleza (CE)

Título do desenho:
Imaginação e brincadeira

“No quintal, brincava, eu e
meu irmão, árvore/plantação,
gangorra, brincava de bola
no quintal, foguete para
imaginar mais brincadeiras.”





 Voltar para o mapa interativo

LAURA LIZ TEIXEIRA DOS SANTOS

5 anos

Centro de Educação Infantil
Santos Francisco de Souza
Braga Itapipoca (CE)


Título do desenho:

A fazenda velha

“ eu desenhei a fazenda velha por que tem muito mato e flores... Ta vendo eu deitada no meu colchão dentro de casa? Muitos lugares em Itapipoca, praia da Baleia, Siri ... Fazenda Velha tem praias! “Lá no sertão tem muitos bichos : cabras, vaquinha, cavalos um monte! Não passa porco porque não tem lama! Em minha casa só galinha e cachorro... Brinco muito com meus primos Júlia e Pedro, de pega-pega, esconde-esconde e muito mais! Eu sinto muitas saudades da escola e de tudo, de tudo... ...antes do vírus eu via meus colegas, estudava, brincava de tudo! O vírus deixa a gente tão irritada, zangada.. Eu fico agoniada sem ver as pessoas...”





 Voltar para o
mapa interativo



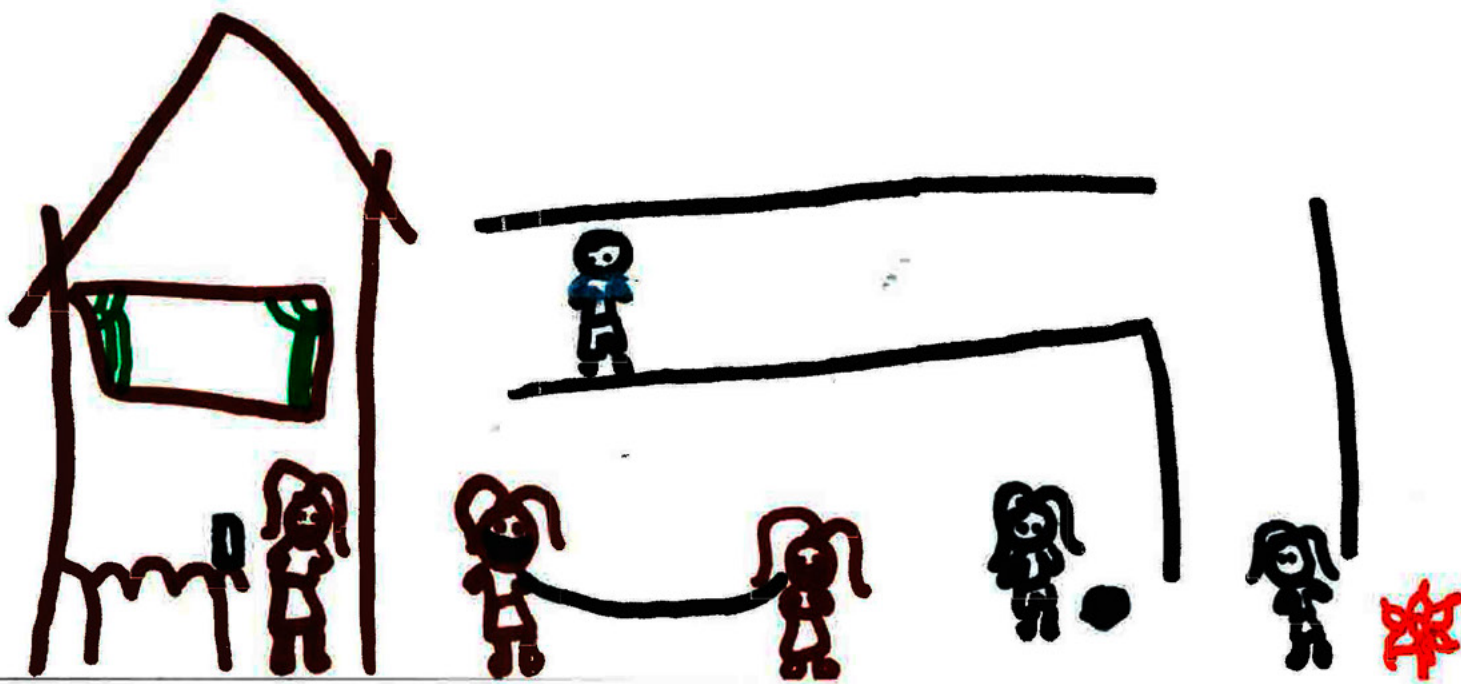
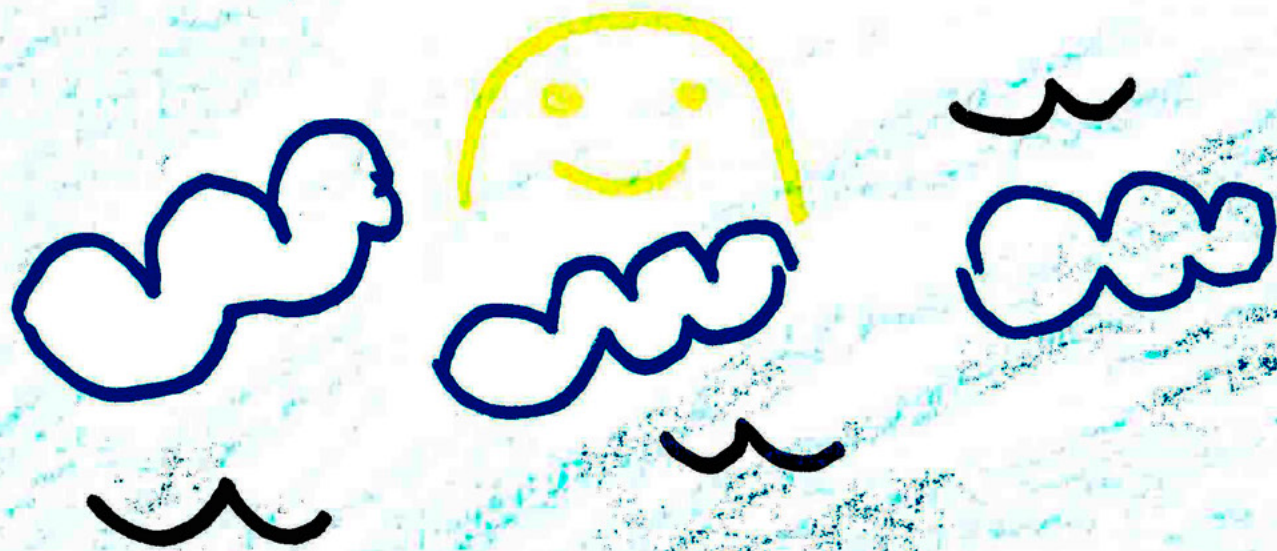
**TALITA RODRIGUES
VIEIRA**


10 anos

Projeto Espaço Geração
Cidadã - Bairro Bom
Jardim - Fortaleza (CE)



Título do desenho:
Voltando ao que era antes



 Voltar para o
mapa interativo




**YASMIM SOUSA
DE ABREU**

9 anos
Caucaia - (CE)
Assentamento Santa
Bárbara - MST)



Título do desenho:
Quintal da minha casa



 Voltar para o mapa interativo

ALÍCIA RACHEL FRAZÃO ALVES

6 anos
São Luís (MA)


Título do desenho:
Saudades

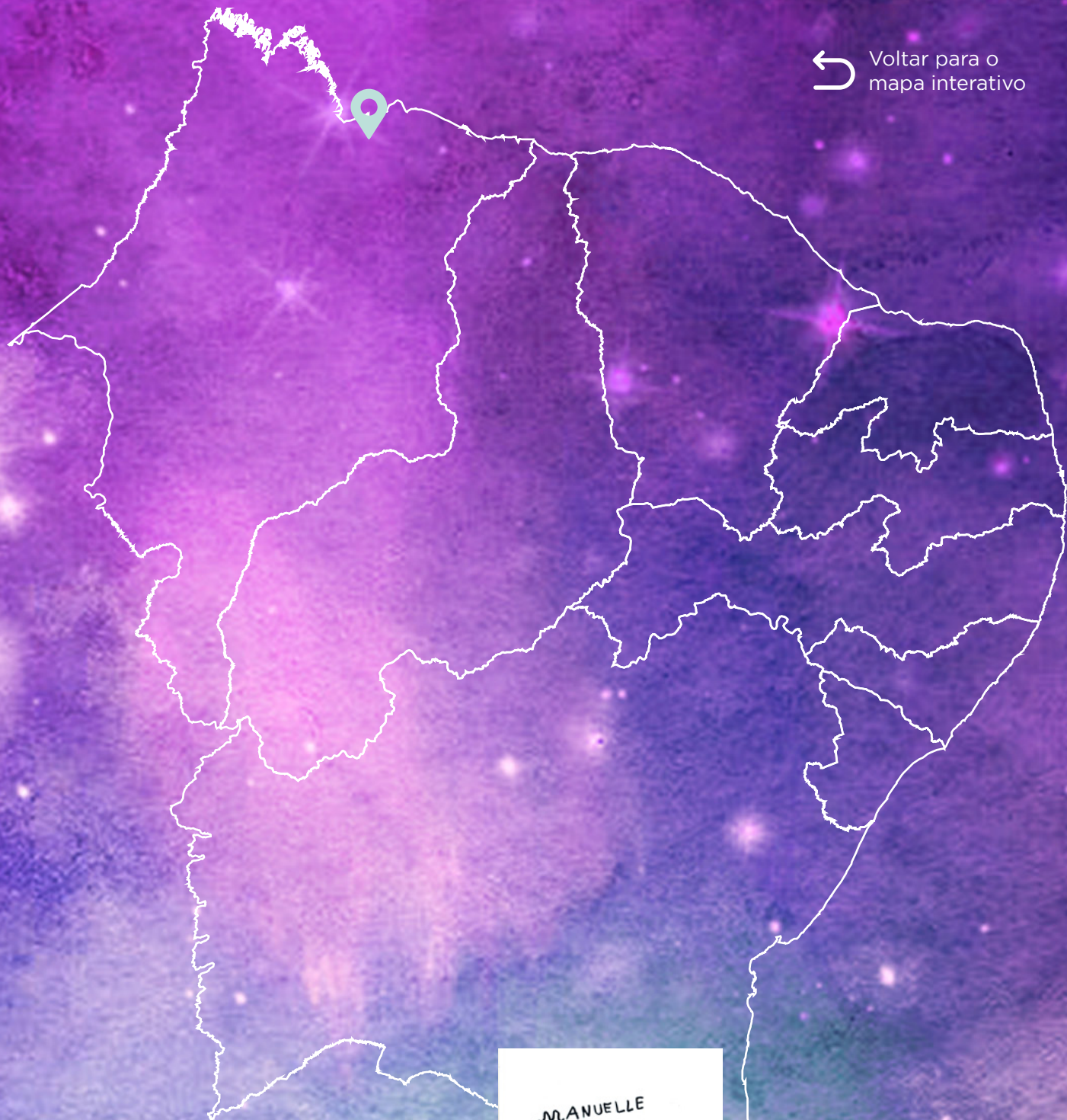
“*Eu senti saudades da amiga, da escola e tenho vontade de voltar para escola para encontrar a amiga novamente. Eu gosto da minha Escola Comunitária.*”



Adicia
Rafael
Flora
Adus



 Voltar para o
mapa interativo



**MANUELLE
PINHEIRO DA SILVA**

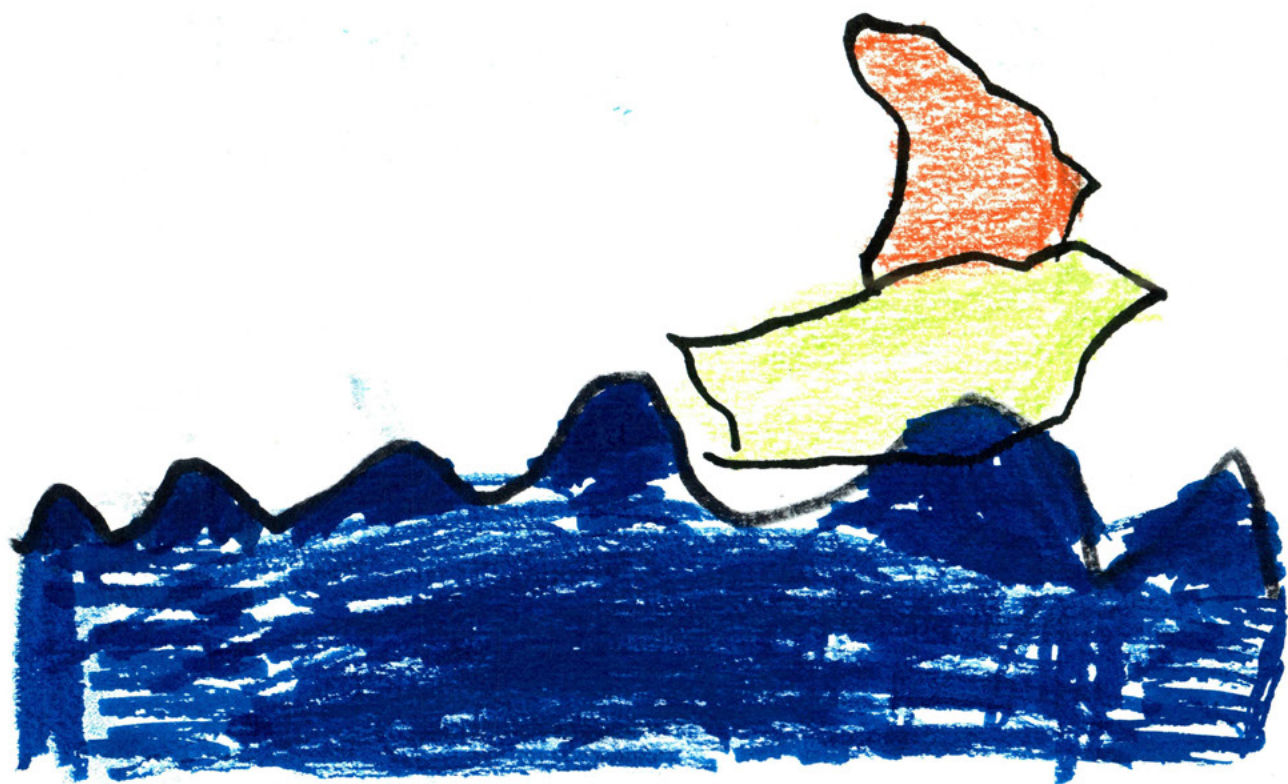
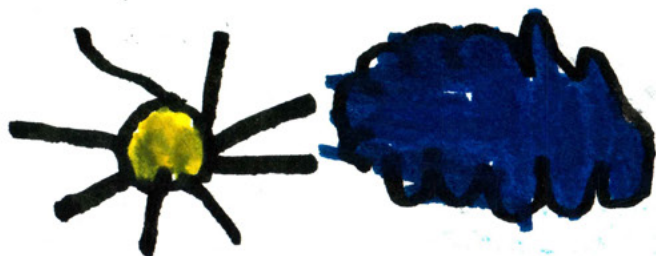
6 anos
São Luís (MA)




Título do desenho:
Praia

“ Saudades de ir à praia,
de ver o mar. Vontade
de banho de praia ”

MANUELLE



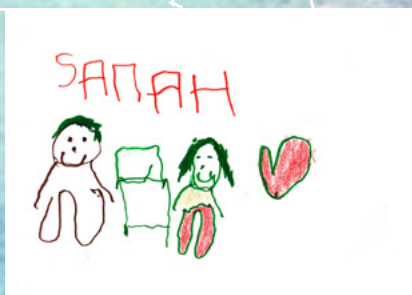
 Voltar para o
mapa interativo

**SARA RAQUEL
DA SILVA SOARES**

5 anos
São Luís (MA)


Título do desenho:
Medo de perder meus avós

“*Meu avô do lado
da minha avó
Eu sinto muitas saudades deles.
Eu fiquei com muito medo,
um dia quando choveu,
tinha trovões eu chorei*”



САПАЯН



 Voltar para o
mapa interativo

STEPHANY VITÓRIA OLIVEIRA SILVA

9 anos
São Luís (MA)

Título do desenho:


Medo - O Hospital

“Este é o hospital em que
meu pai ficou internado,
não teve covid-19 mas teve
que fazer uma cirurgia ...
“Eu tive medo que meu pai
ficasse mais doente e não
saísse do hospital...”
Eu tenho saudades da Escola.”



Stephanie



 Voltar para o
mapa interativo

**ISAAC SOUSA
ATAÍDE FIGUEIRA**

9 anos

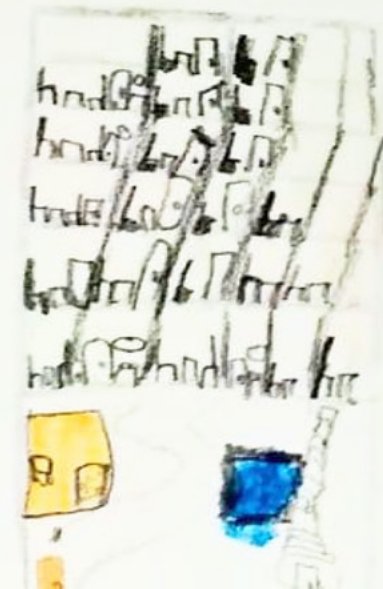
Bairro do Catolé - Campina
Grande/Paraíba


Título do desenho:

A quarentena.

“... eu não gostei, não teve
festa de São João! “Não gostei
da pandemia e do Presidente
...” aqui no cantinho e na casa
de minha tia que mora na
beira do Mar no Canadá, mas
lá também tem pandemia!”





 Voltar para o
mapa interativo

ISLANE CECÍLIA DA SILVA ALMEIDA

9 anos

Assentamento Mandacaru/
Agrovila do Lamedor
- Sumé (PB)

Título do desenho:

A minha vida.

*“... saudades, vontade
de brincar e alegria de
poder ficar em casa” aqui
nós brincamos no açude,
brincar com as ovelhas...”*






escuela

eu e mamá



 Voltar para o
mapa interativo



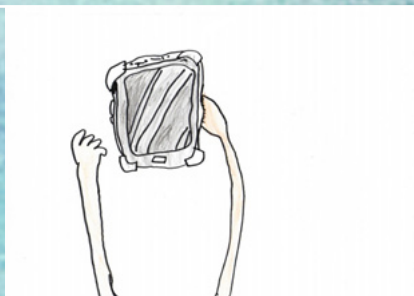
**ISRAEL KELSON
LUIZ RODRIGUES**

6 anos


Bairro do Pedegral -
Campina Grande (PB)

Título do desenho:
Eu com meu celular.

“Tudo faz pelo celular
nessa pandemia!”





 Voltar para o mapa interativo

ISRAEL KELSON LUIZ RODRIGUES

6 anos

Bairro do Pedegral -
Campina Grande (PB)


Título do desenho:

Eu quando tô no
Minecraft à noite.

“Quando no mundo do
Minecraft está de noite...”
“Tem o Steve, que tem que
vencer o monstro da noite...
Olha! Eles conseguiram fazer
um portal e vieram os CATS pra
cá. Sabe o que ele conseguiu
fazer? Fogos de artifício...”





 Voltar para o
mapa interativo

LETÍCIA LOPES DA SILVA

6 anos

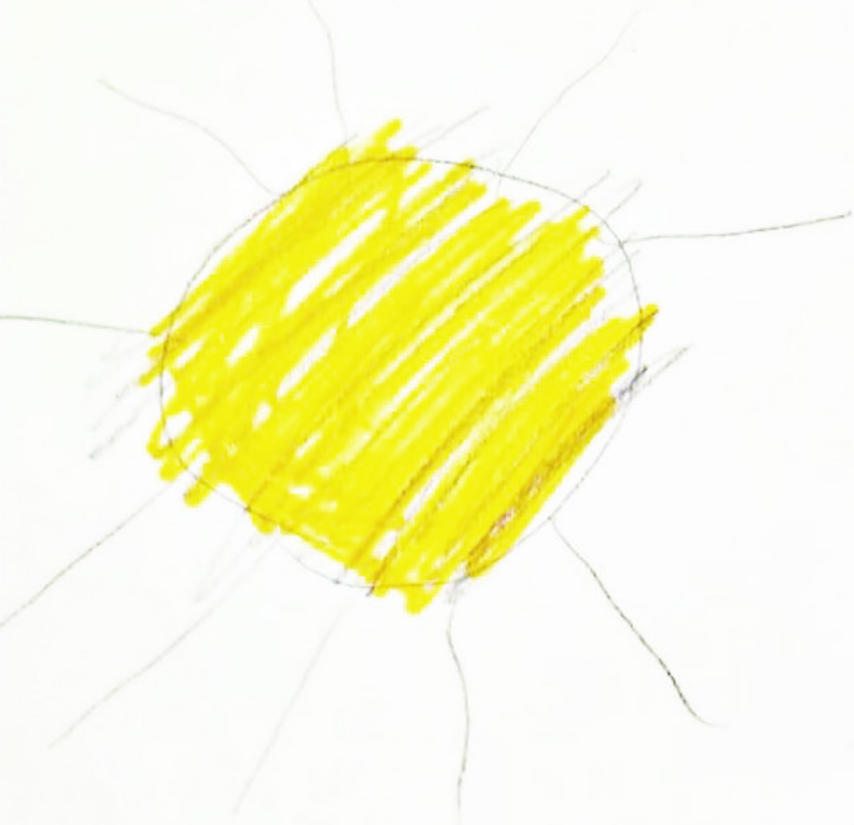
Comunidade rural Açude
de Dentro - Distrito de
Catolé de Boa Vista (PB)


Título do desenho:

Assustada

“ sinto medo, pois esse ano
apareceu um monstro, e eu me
escondo debaixo do lençol da
minha cama... eu desenhei eu
na cama debaixo do lençol...”





 Voltar para o mapa interativo

LÍBINA MARIA GOMES SIMÃO

10 anos

Aldeia indígena São Miguel
Baía da Traição (PB)


Título do desenho:

O indígena de máscara.

*“ eu gosto de natureza, das árvores, da praia, dos animais, dos meus amigos e de morar em lugar aberto..”
Eu senti medo, tristeza, saudade, alegria de ficar e felicidade de estar em casa, vendo amigos mesmo estando na pandemia...”*





 Voltar para o
mapa interativo

**ANA CLARA
SILVEIRA DA
SILVA COSTA**

6 anos

Centro Cultural Cambinda
Estrela - Recife/
PE - Recife (PE)

Título do desenho:


A floresta e o girassol.

“Aqui tem muitas árvores,
gosto delas e gosto de flores
também, o girassol é lindo
e parece o sol mesmo.”



ANNA DEKATA



 Voltar para o
mapa interativo

ISAAC MACIEL DO NASCIMENTO

10 anos

Criança do Povo Xukuru
Pesqueira (PE)

Título do desenho:


Frente de casa

“Na frente da minha casa
quando eu abro a janela eu vejo
o sol, o campo, as árvores...”



afuera del caso



 Voltar para o
mapa interativo

**MARIA LUIZA
SANTOS DA SILVA**

7 anos

Comunidade pesqueira de
Brásilia Teimosa - Recife (PE)

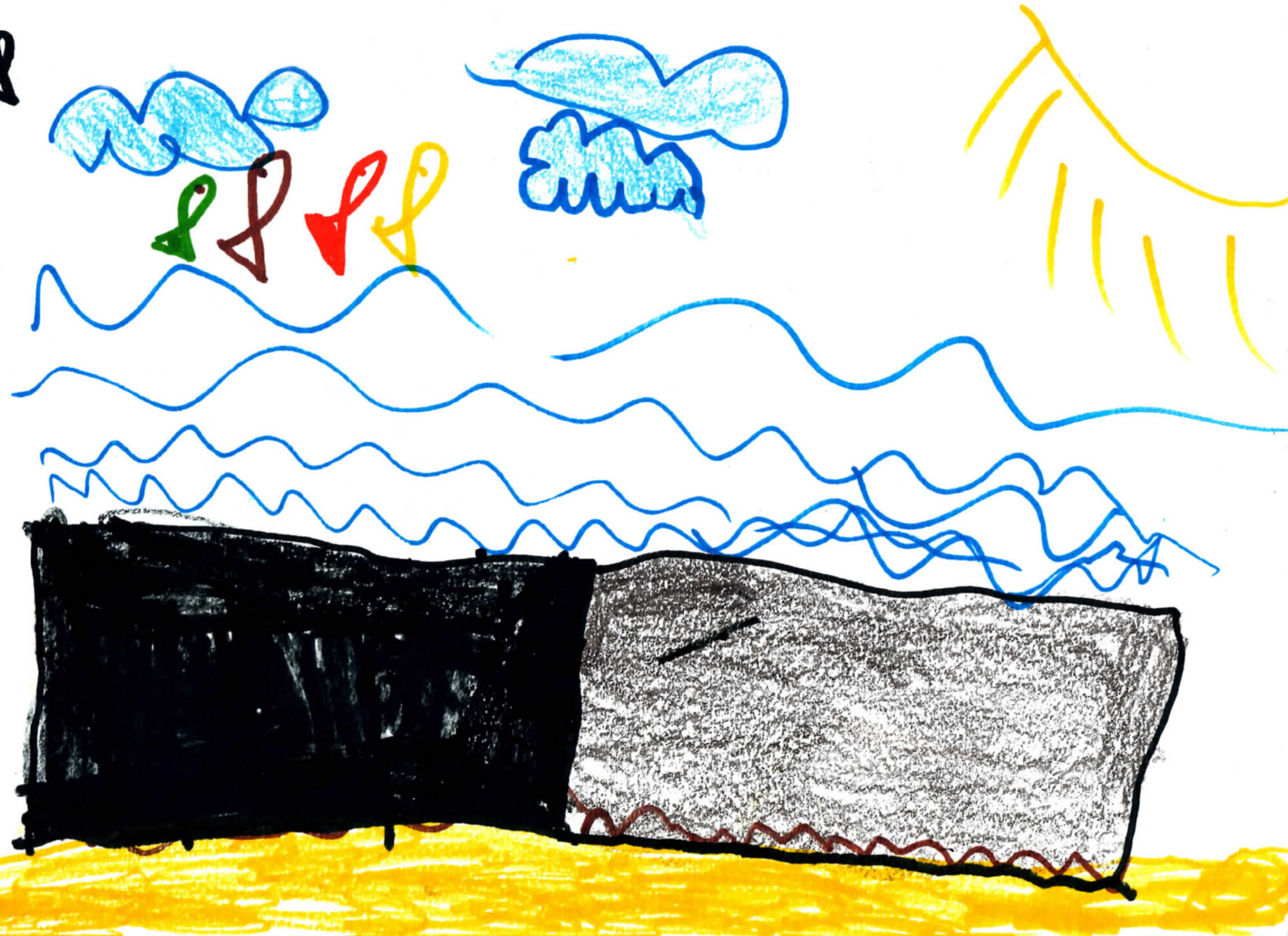
Título do desenho:


O que vejo da minha casa

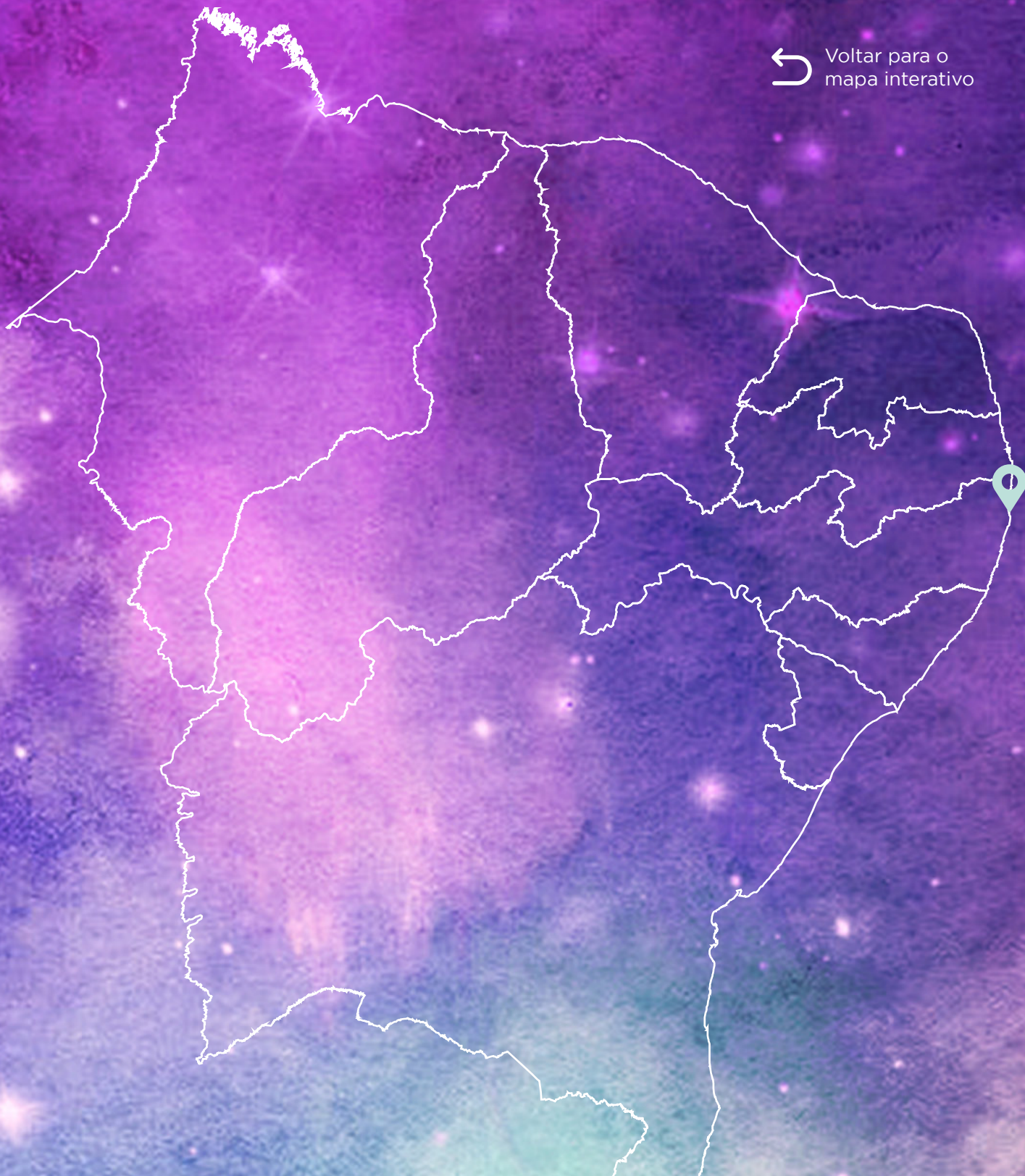
“ Quando saio de casa e
vou pra escola eu vejo o mar,
mesmo não podendo ir pra lá,
mas eu acho muito bonito ”



8



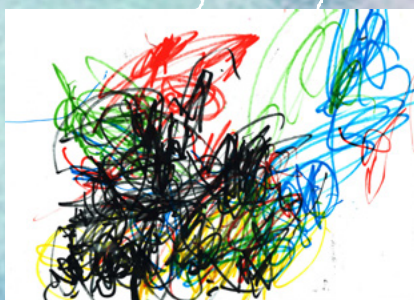
 Voltar para o
mapa interativo



**RYQUELME
KAUAN SANTOS**


4 anos

AMA - Ações Mães dos Anjos
Olinda (PE)



Título do desenho:
Comendo massinha



 Voltar para o
mapa interativo

YURI GABRIEL SANTANA DE FRANCA

12 anos

Comunidade pesqueira de
Brasília Teimosa - Recife (PE)




Título do desenho:

O pescador e o mar

“ Gosto quando meu pai vai
pescar, não posso ir sempre
porque vou pra escola,
mas quando crescer vou
ser pescador também ”



 Voltar para o
mapa interativo



**CESAR RAFAEL DE
OLIVEIRA CARDOSO**


8 anos
Teresina (PI)

Título do desenho:
Minha casa e minha família

“ Não estou indo para escola,
mas eu estudo no meu celular,
eu gosto de brincar ”





 Voltar para o
mapa interativo

**GLENDIA MARIA
ARAÚJO DOS
SANTOS**


10 anos
Cajueiro da Praia (PI)

Título do desenho:
Minha vida animada.

*“ Eu moro no Morro Branco
Cajueiro da Praia, eu gosto de
desenhar, brincar e se divertir
com meus amigos... Nunca
mais vi meus amigos da escola,
mas eu me sinto bem em casa...
brinco com os animais ”*





 Voltar para o mapa interativo

KAROLLYNE ARAÚJO SILVA FERREIRA


9 anos
Oeiras (PI)

Título do desenho:
Antes e depois da Pandemia

“*Minha cidade de Oeiras é conhecida como a Capital da Fé e da Educação e tem muitos pontos turísticos, microregião de Picos, Cidade Antiga ... Se desenvolveu ao redor da Matriz Nossa Senhora da Vitória, originário da Fazenda Cabra Abrão. Minha vontade? Fazer um aniversário e chamar todos meus amigos, e ir para a escola. Eu consigo visitar meus parentes, mas não vejo meus colegas...*”





 Voltar para o
mapa interativo



**TARSILA QUEIROZ
DOS SANTOS SILVA**

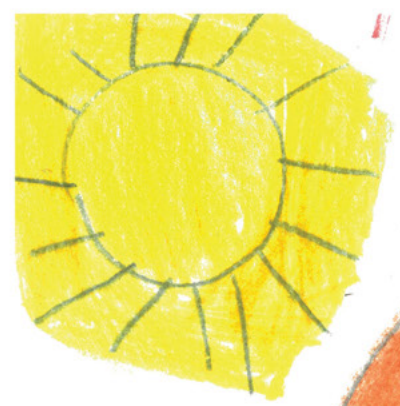
7 anos


Cajueiro da Praia (PI)



Título do desenho:
A porta de casa

Tapsila



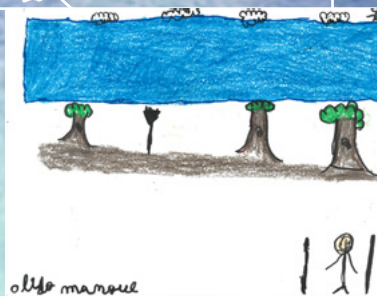
 Voltar para o mapa interativo

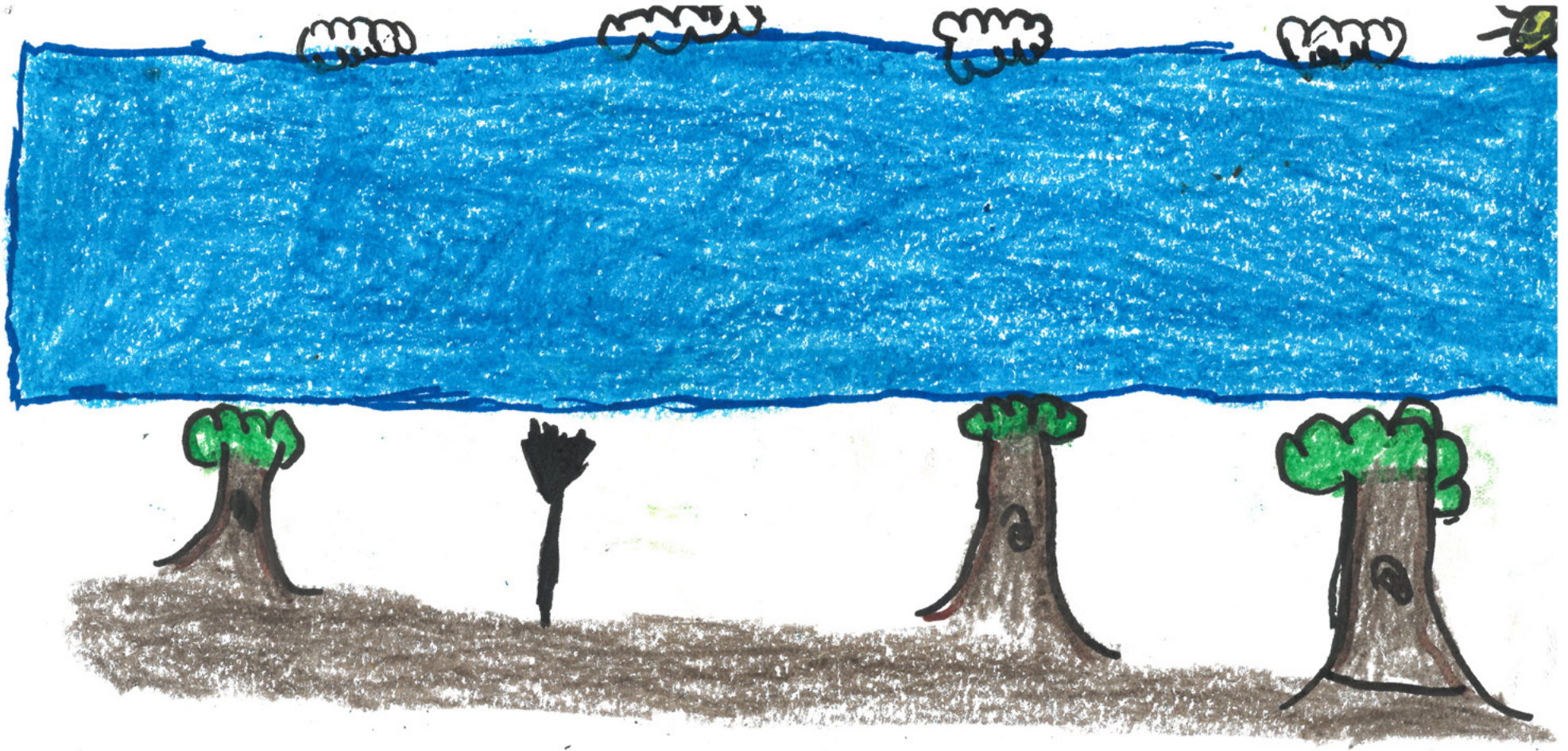
DÁLION VINÍCIUS F. DA SILVA

8 anos
Natal (RN)

Título do desenho:
O lindo mangue


“ eu desenhei aqui...eu moro naquela entrada do beco, ali, quando eu fico ali na ponta dá pra ver os mangues e essas árvores assim... e eu tentei fazer uns pés que ficam assim no mangue sem folhas...ai e fiz o sol... aí umas nuvens aqui...eu fiz o mangue e fiz essas árvores assim, não sei se tem no mangue, mas era para enfeitar, ficar legal ... aí terminei, foi isso ”.





olho manouel



 Voltar para o mapa interativo

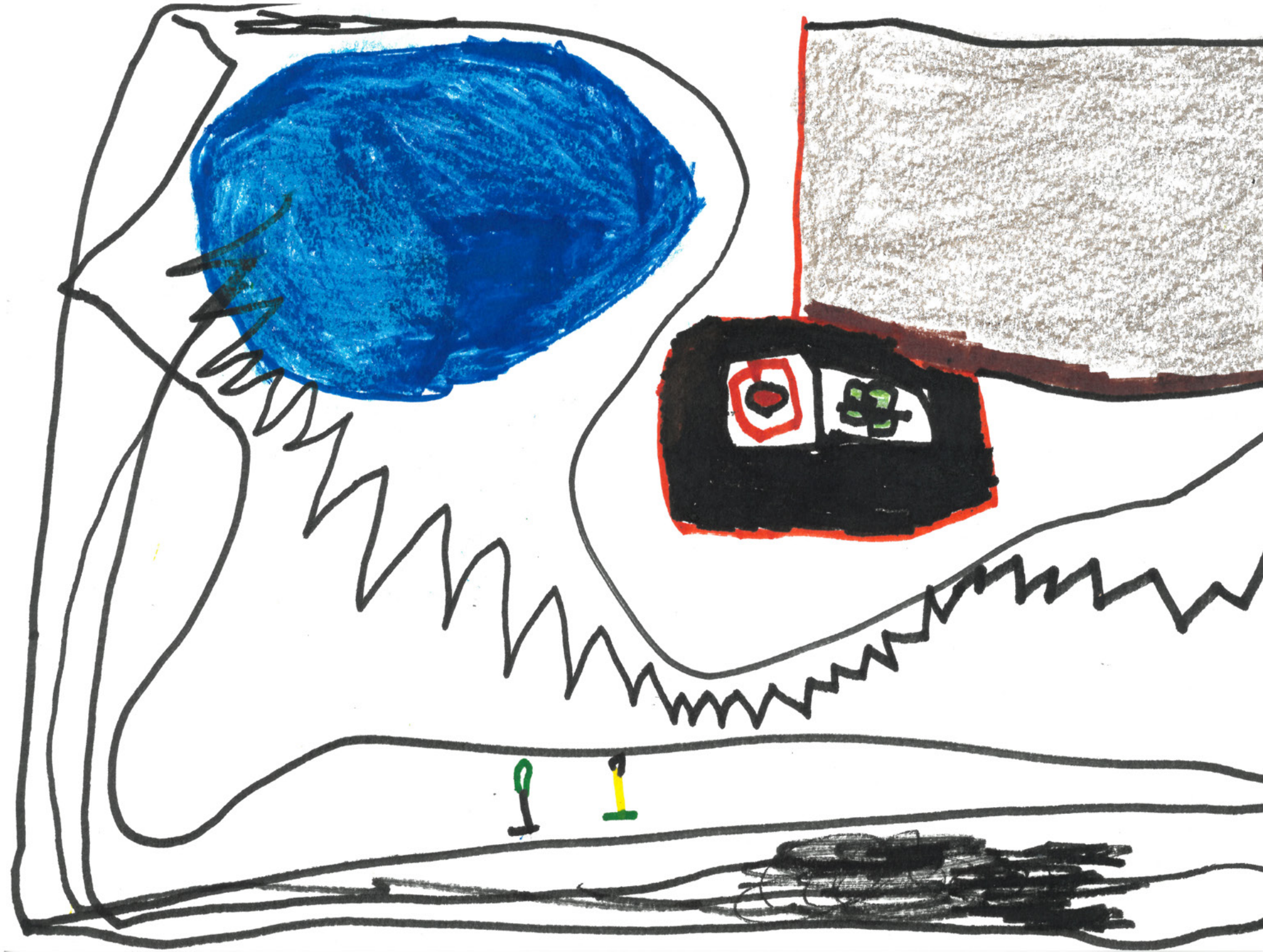
LUIZ FERNANDO MIDA


7 anos
Natal (RN)

Título do desenho:
A armadilha

“ É uma armadilha o que vê daqui... ai aqui é a escada que é para as pessoas do mal subir... ai cai dentro da piscina... ai vão vir aqui, vão cair, vão se fingir de zumbi, ai tem um arco e flecha aqui que vai mirar neles e vão matar eles e eles vão morrer. Os que tão vindo do mal pula aqui, subindo aqui, vai se escorregar aqui. O do bem vai aqui pro verde, o do mal vai pro vermelho ”





 Voltar para o
mapa interativo

MARGARIDA FILIPE

10 anos

Comunidade Indígena do
Amarelão João Câmara (RN)


Título do desenho:

A natureza

“ Eu desenhei umas palmas,
o pé de cajueiro que tem muito
aqui, um gato que tem muito
também (risos) e o sol que é o
nome da comunidade que eu
moro. Essa é a minha vida ”





 Voltar para o
mapa interativo

**ROBERDAN
GABRIEL DOS
SANTOS BARBOSA**

6 anos

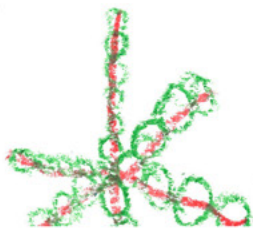
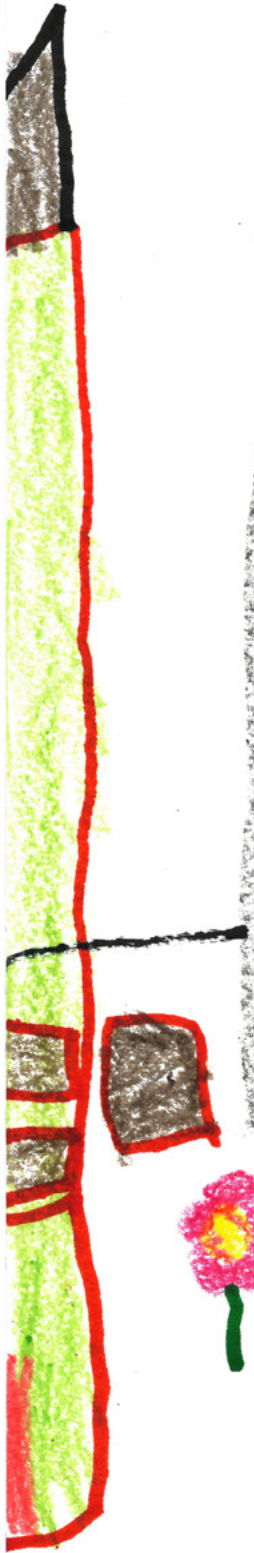
Comunidade Quilombola de
Capoeiras. Macaíba (RN)


Título do desenho:

Capoeiras é muito bonita

“Aqui é o portão da minha casa... aí tem eu, meu irmão, isso aqui é uma árvore que cortou e eu subia nela... isso aqui é um pé de goiaba, aí tem meu cachorro, o meu gato e o meu pássaro”





 Voltar para o
mapa interativo



**GENE AUTRY SOUZA
DE ALMEIDA FILHO**

10 anos

Comunidade ribeirinha
Barra dos Coqueiros (SE)


Título do desenho:

Janela para o mar

“*Eu abro minhas janelas
e vejo o mar...*”





 Voltar para o
mapa interativo

JOSÉ OTÁVIO DE JESUS CORDEIRO

8 anos

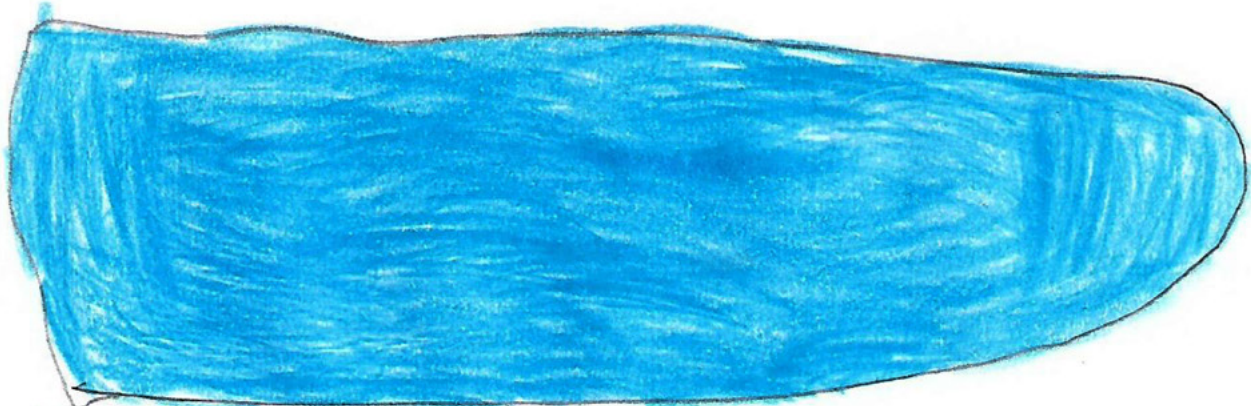
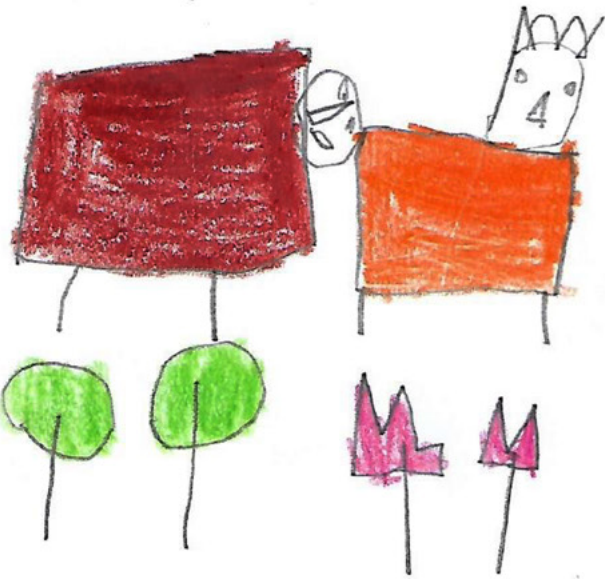
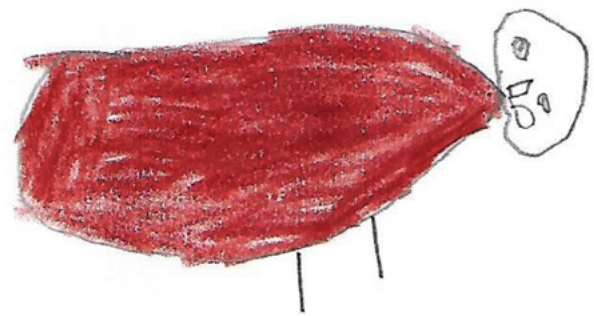
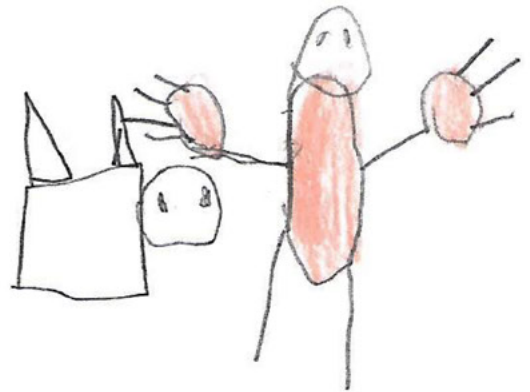
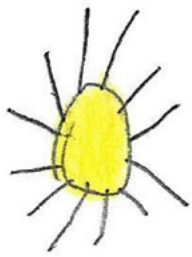
Assentamento Valmir Mota
Povos do Campo
Canindé do São
Francisco - SE


Título do desenho:

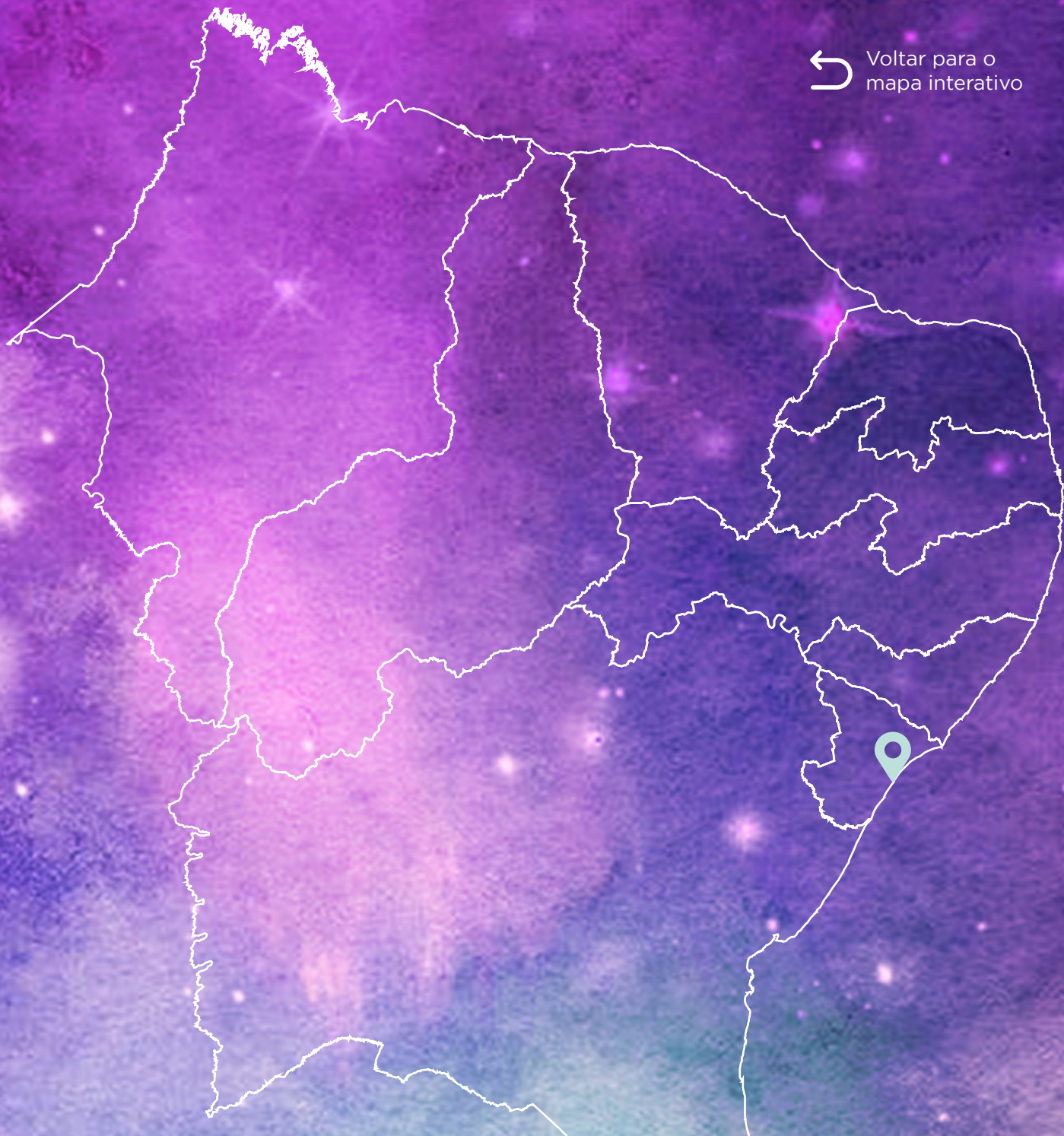
O sol e o mundo!

“Nesses dias sem aula brinco,
levo o gado, trabalho mais com
o pai! E também faço meus
deveres que vem! Pai que vai
buscar os deveres! Desenhei
o rio, os animais e as plantas!
Têm gado, passarinho, eu, o
cachorro, as galinhas, a porca
e as plantas, a palma e o rio!
Ah! Os passarinhos e o sol!”





 Voltar para o
mapa interativo




JÚLIA ALVES DOS SANTOS

8 anos
Aracaju (SE)



“No meu desenho tem eu pensando que está todo mundo usando máscaras, álcool em gel! A escola tá fechada e eu coloquei um cadeadinho, e eu estou fazendo aula online”



 Voltar para o mapa interativo

MARIA AUGUSTA RIBEIRO BRANDÃO SANTANA

8 anos
Aracaju (SE)

“Meu desenho tem um prédio com uma criança falando com outra criança, mas tão usando máscara porque senão vai pegar o coronavírus e não é bom pegar o coronavírus. Eu fiz a lua para representar a noite, o sol, as nuvens e os passarinhos para o dia. Mas como vocês podem ver, no desenho tem uma placa grande indicando quantas pessoas morreram. É uma pena que muitas pessoas morreram e tem dias.... Eu fiz esse desenho e o coronavírus ninguém pode ver, eles estão no ar. Tem dias que tem sol e tem dias entediante, eu fiz tudo que vi na minha janela de imaginação! ...tem uma placa grande indicando quantas pessoas morreram.”





oi

A 
TOTAL DE CASOS
+317.388



ISBN 978-65-89369-03-5



9 786589 369035 >



Conselho
Federal de
Psicologia